

CUIDAR SEM VIOLÊNCIA, TODO MUNDO PODE!



**Fortalecendo as Bases de Apoio
Familiars e Comunitárias para
Crianças e Adolescentes**

Guia Prático para Famílias e Comunidades

Projeto Fortalecendo as Bases de Apoio Familiares e Comunitárias para Crianças e Adolescentes

Coordenação Geral:

Gary Barker, Irene Rizzini.

Coordenação do Projeto:

Caius Brandão

Equipe de Pesquisa e Ação:

Alexandre Bárbara Soares, Carla Daniel Sartor, Isadora Garcia, Marcelo Princeswal, Márcio Segundo, Maria Helena Zamora, Paula Caldeira, Rachel Baptista, Renata Tavares da Silva, Thereza Cristina Menezes da Silva.

Consultores Comunitários:

Ana Lúcia Ribeiro, Leidimar Alves Machado, Luiz Kléber Alves de Oliveira

Bases Comunitárias:

Adriana P. Souza, Andressa Generoso Trigueiros, Assis Ferreira Nascimento, Azenilda da Conceição, Cristina Oliveira dos Santos, Cosme Luis Andrade, Estevão Fernando da Conceição, Gisele Aparecida de França Soares, Jadir Carlos de Oliveira, Leandro da Silva Carvalho, Luana da Silva Victoriana, Marcos Antonio de Oliveira Coelho, Marineide Generoso Trigueiros, Patrícia Gomes de Lima, Priscila Martins da Costa, Solange Monteiro Andrade, Técio Cesar de Azevedo, Wilson Pereira Júnior, (Nova Aliança/Bangu); Bianca da S. Alves, Christiele da Silva Gonçalves, Cristiane Valle, Danielle Salustiano Pinheiro, Jocinéa Machado, Leandro de Freitas Valle, Leonardo da Silva Bastos, Márcia Herminia, Margarete Lopes da Silva, Marilene da Silva Lemos, Mary Lúcia da Conceição, Mirella Cristina G. Guimarães, Rafael dos Santos Pessanha, Raquel Alves, Roque Vanderson M. de Souza (Água Mineral); Ana Maria do Nascimento, Andréia M. Fernandes, Adriana Araújo Aguilár, Eliane dos Santos Souza, Eva Alves, Flávio Guedes Pires, Gilson da Silva, Glauber Martins dos Santos, Jueslânia Carvalho, Luciano Menezes, Luiz Fernando Marques dos Santos, Maria Luiza Ferreira, Silvana Lino, Sonia Maria de Oliveira, Tamara Gonçalves Ferreira, Tathiane Barbosa Abreu, Wesley da Paz Ferreira (Santa Marta)

Organização e Redação Final:

Silvani Arruda, Maria Helena Zamora, Gary Barker.

Copidesque:

Adriana Gomez e Silvia Chalub (Revista Saber Viver)

Projeto Gráfico:

LF Design Gráfico

Agradecimentos:

Pepa Horno Goicoechea - Save the Children Espanha.

Denise Stuckenbruck - Save the Children Suécia.

Irene Intebi - ISPCAN

Bébhinn Ni Dhónaill e Marcos Nascimento Instituto PROMUNDO

Projeto Brincar e Aprender CIESPI

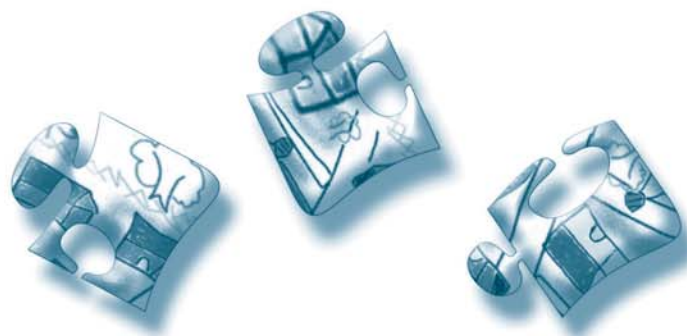
A todas as pessoas que participaram das capacitações e que colaboraram para a validação e realização deste guia.

Instituto PROMUNDO

Rua México, 31 Bloco D sala 1502
20031 144 Rio de Janeiro RJ Brasil
Tel/Fax: 55 21 2544 3114 / 3115
www.promundo.org.br

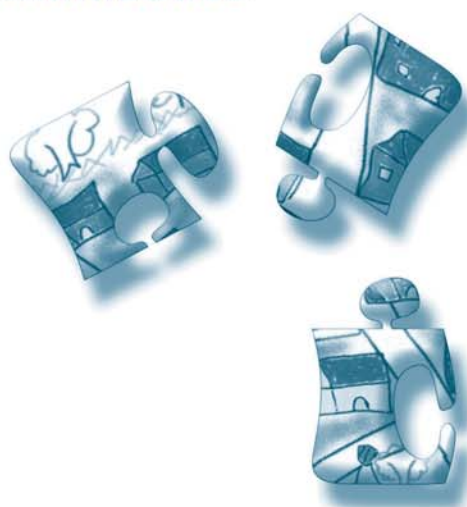
CIESPI em convênio com a PUC/RJ

Caixa Postal: 380002 - 22 451 970 Rio de Janeiro - RJ
Tel: 55 21 9432-3327
e.mail: ciespi@ciespi.org.br
www.ciespi.org.br



CUIDAR SEM VIOLÊNCIA, TODO MUNDO PODE!

Guia Prático para Famílias e Comunidades



Realização

Instituto PROMUNDO

CIESPI - Centro Internacional de Estudos e Pesquisas
sobre a infância (em convênio com a PUC-Rio)



Save the Children
Suécia

Apoio

ChildHope UK

DFID - Department for International Development

Fundação OAK

ISPCAN - International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect

Save the Children - Suécia

Rio de Janeiro, 2003

CONTEÚDO

Apresentação	05
Módulo 1 – Perguntas e Respostas	07
Introdução	09
Perguntas e respostas	16
Módulo 2 – Técnicas de Trabalho em Grupo	25
Iniciando um programa de capacitação	27
Bloco 1: Aplicando o pré-teste, aquecendo o grupo e estabelecendo as regras de convivência	29
Bloco 2: Informando sobre	35
2.1. <i>Direitos</i>	
Técnica 1: Direitos e Responsabilidades da Criança e do Adolescente	37
Técnica 2: Pessoas e coisas	41
2.2. <i>Desenvolvimento infantil</i>	
Técnica 3 : Minha família é assim	43
Técnica 4: Gráfico de família	45
Técnica 5: Colagem: as necessidades das crianças de 0 a 6 anos	49
Técnica 6: Dramatização: as necessidades das crianças de 7 a 11 anos	52
Técnica 7: A árvore dos gêneros	54
RESPOSTAS	
2.3. <i>Violências</i>	
Técnica 8: O que você faria se	56
Técnica 9: Mantendo o controle	60
Técnica 10: O varal da violência	64
Técnica 11: Definindo o abuso sexual contra crianças	67
Técnica 12: Estudo de caso: A história de Manuela	70
Técnica 13: A violência à minha volta	74
Técnica 14: Minhas Bases de Apoio	75
Bloco 3: <i>Formando uma rede comunitária</i>	
Técnica 15: A comunidade que eu tenho e a comunidade que eu quero	79
Técnica 16: Um projeto em comum	81
Técnica 17 :Trabalhando em rede	84
Bloco 4: <i>Avaliando</i>	
Aplicação do pós-teste e avaliação do encontro	89
Módulo 3 – Onde buscar outras informações	91
Textos	93
Manuais	94
Vídeos	95
Livros infantis	96
Websites	98
Centro de Referência	99
Bibliografia	101
Anexo	103
Modelo de pré e pós-teste	105



APRESENTAÇÃO

O objetivo desta publicação é contribuir para a discussão sobre alternativas positivas de educação para filhos e filhas livre de violência, mesmo em comunidades consideradas violentas.

Dividido em quatro partes, procura contemplar as seguintes questões:

MÓDULO 1: PERGUNTAS E RESPOSTAS

Este módulo traz um texto inicial sobre violência intrafamiliar, com ênfase na violência à criança de 0 a 11 anos, apresentando alguns dados estatísticos e uma breve análise sobre o tema, com foco no desenvolvimento infantil e nos direitos das crianças e adolescentes.

Na seqüência, sob a forma de perguntas e respostas, procura estabelecer pontes entre os fatores de nossa própria cultura que tornam as crianças mais ou menos vulneráveis a situações de violência e os direitos previstos em lei e em acordos internacionais.

Apresenta, ainda, alguns conceitos e informações sobre a importância de se conhecer os diferentes estágios do desenvolvimento infantil, bem como sua relação com a prevenção da violência contra a criança.

MÓDULO 2: TÉCNICAS DE TRABALHO EM GRUPO

Neste módulo, 17 técnicas de trabalho em grupo são sugeridas pela equipe do Instituto Promundo, do CIESPI – Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (em convênio com a PUC-Rio) – e de outras organizações que vêm desenvolvendo propostas semelhantes. Essas técnicas foram testadas em três comunidades do Rio de Janeiro (Morro de Santa Marta, Vila Aliança/Bangu e Água Mineral/São Gonçalo) e consideradas apropriadas e adequadas pelos participantes. Divididas em blocos temáticos (Famílias, Necessidades das Crianças e Limites; Desigualdades e Violências; Direitos das Crianças, Projetos para a Comunidade e Redes), cada técnica é descrita passo a passo. Ao final, são sugeridas algumas perguntas para estimular a discussão e algumas mensagens a serem enfatizadas pelo facilitador. Antes de iniciar a capacitação, é proposta a aplicação de um pré-teste e sua reaplicação ao final da dinâmica. Esse instrumento, anexado ao final deste material, nos permite observar as mudanças individuais que ocorreram nas percepções que o grupo tinha sobre o tema.

MÓDULO 3: ONDE BUSCAR OUTRAS INFORMAÇÕES

Esta etapa inclui uma listagem com a indicação de livros; endereços de páginas na internet; vídeos e organizações que apóiam pais, mães e comunidade em geral na criação das crianças como complemento ao conteúdo tratado nesta publicação.

Sem a expectativa de responder a todas as questões relacionadas ao desenvolvimento infantil, à prevenção da violência contra as crianças e seus direitos e, muito menos, propor receitas mágicas, o Instituto Promundo e o CIESPI esperam que este material possa apoiar pais, mães e responsáveis na busca por relações mais harmoniosas, igualitárias e prazerosas em suas famílias e em sua comunidade.

A equipe

MÓDULO 1

PERGUNTAS E RESPOSTAS





INTRODUÇÃO

Este manual tem como ponto de partida o fato de que as crianças têm o direito a um ambiente seguro e protetor, ou seja, crescer em famílias onde estejam livres da violência e tenham os cuidados que precisam para se desenvolver. Estes direitos estão contemplados no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Especificamente, este manual enfoca as alternativas para pais e responsáveis em termos de como estabelecer limites, disciplina e formas de ajudar seus filhos em seu processo de crescimento – alternativas que não incluem o uso da violência. Em todo o mundo, vem aumentando a atenção sobre a questão da violência contra a criança. Muito dessa atenção está centrada em esforços para intervir e oferecer apoio nos casos em que as crianças sejam vítimas de algum tipo de violência. Alguns países vêm implementando esforços no sentido de prevenção da violência, seja por meio da capacitação de pais e responsáveis, seja por meio de serviços de apoio à família, como por exemplo aconselhamento e acompanhamento psicológico.

Como podemos – como educadores e facilitadores – prevenir a violência que atinge as crianças? O que podemos oferecer às famílias para reduzir e prevenir a violência antes que ela aconteça?

As atividades incluídas neste manual foram planejadas de modo que os facilitadores possam promover uma reflexão especificamente sobre estas questões com as famílias e, desta forma contribuir para a redução da violência.

Nossos pontos de partida

Este manual parte de algumas hipóteses ou pressupostos básicos. Incluem:

- **Pais/Mães/Responsáveis geralmente querem o melhor para suas crianças.** Nós sabemos que os pais muitas vezes ficam ansiosos e, que, algumas vezes não têm conhecimento ou prática de como disciplinar suas crianças ou estabelecer limites sem o uso da violência. Mas nós acreditamos que estes pais geralmente conhecem melhor do que qualquer outra pessoa quais são as necessidades das suas crianças e que desejam o melhor para elas. As atividades incluídas neste manual encorajam os pais a pensar sobre como eles podem dar um suporte melhor para seus filhos, a partir das coisas que eles já fazem para seus filhos e das habilidades que eles já possuem.
- **Pais/Mães/Responsáveis devem ser nossos aliados na redução da violência contra a criança.** Alguns esforços no sentido de prevenir o abuso contra crianças tratam os pais como potenciais criminosos ou como potencialmente “maus”. Nosso enfoque é outro. Partimos das coisas positivas que os pais fazem e assumimos que eles devem ser informados e engajados nas discussões sobre como agir para reduzir a violência contra crianças. Nós assumimos que os pais e as famílias têm recursos, habilidades e contatos com outras pessoas que podem ser envolvidas para prevenir ou reduzir a violência. Nestas atividades, nós encorajamos os pais a construírem, em grupo, estes recursos.
- **Famílias são diferentes** e devem ser abordadas tendo como base suas necessidades, sem julgamentos. Não existe um modelo ideal de família. Mais do que qualquer outra coisa, as crianças necessitam dos cuidados de um adulto que ponha seus interesses acima dos deles próprios. Este cuidado pode ser dado pela mãe ou pelo pai, mas ele também pode vir de outros parentes como tias, tios, avós, assim como dos amigos da família ou dos padrastos. Pais podem cuidar das crianças tão bem quanto as mães. Nas atividades propostas, nós promovemos o respeito pela diversidade das famílias e não assumimos que exista um modelo melhor do que outro.



- **Crianças – e seus pais ou cuidadores – têm diferentes necessidades em diferentes momentos em seu ciclo de vida.** Eventos específicos como, por exemplo, o nascimento de outro filho, podem trazer necessidades específicas e, algumas vezes, momentos de estresse para a família. Estas necessidades, mesmo que ocorram somente em determinados momentos na vida da criança e da família, devem ser levados em consideração.
- **Violência é um comportamento aprendido. Não é natural, nem inevitável.** Em alguns casos, o uso da violência física na família é considerado normal ou natural. Obviamente, existem numerosos tipos de violência ou abuso contra crianças e as definições variam amplamente. O que se define como abuso ou violência contra crianças tem mudado ao longo do tempo e varia de acordo com o contexto. Em algumas culturas, a palmada é considerada uma forma de violência ou abuso. Em outras sociedades ou culturas é aceita como um comportamento necessário para disciplinar crianças e estabelecer limites. Mesmo a violência sendo considerada normal em alguns casos, ela não deve acontecer. Aprendemos a ser violentos com a violência que acontece a nossa volta. Refletir sobre o que é a violência e questionar a sua utilização é um dos caminhos para preveni-la.
- **Buscar ajuda e falar sobre violência é necessário.** Muitas famílias se sentem envergonhadas em falar sobre a violência que acontece em suas vidas. Outras vezes, têm medo de falar sobre o tema. Sabemos que falar sobre o estresse e a violência e procurar ajuda dos amigos e da família são fatores protetores para reduzir a violência. Muitas das atividades deste manual encorajam as famílias a buscar por ajuda e falar sobre tensões e violência.
- **Um grupo formado por outros pais que tenham experiências similares é um lugar ideal para falar sobre violência.** Falar sobre estresse, violência e os desafios de ser um pai/uma mãe em um grupo de pais e responsáveis é uma das melhores formas de fortalecer e potencializar as pessoas. No trabalho direto que fazemos com as famílias, freqüentemente escutamos que elas se sentem isoladas e que existem poucos espaços onde os pais, as mães e os responsáveis podem falar sobre seus problemas e necessidades. Aconselhamento profissional e apoio psicológico são, algumas vezes, fundamentais para famílias com necessidades especiais. Mas, em muitos casos, um grupo, coordenado por alguém da comunidade, pode ser uma ótima maneira dos pais se apoiarem mutuamente, trocando informações e experiências de como eles poderiam se orientar melhor, funcionando como mentores e quebrando o isolamento em que as famílias muitas vezes se encontram.

O Que Nós Sabemos sobre a Violência na Família?

Vários estudos realizados em muitos países e em várias partes do Brasil têm demonstrado que a violência física contra a criança é amplamente utilizada. Existem, evidentemente, muitas definições sobre o que é violência e alguns tipos de violência são claramente piores que outros. A violência física vai desde situações em que se perde o controle e se dá um tapa na criança, passando por casos de tortura e de casos extremos e repetidos de violência, chegando até o uso do abuso sexual.

Um estudo recente que realizamos em duas comunidades do Rio de Janeiro revelou altos índices de violência dentro de casa, incluindo violência de adultos contra adultos e de adultos contra crianças. Em uma das comunidades que estudamos (Santa Marta), 22.5% dos pais/mães/responsáveis disseram que um adulto que morava na mesma casa havia usado de violência física contra outro adulto em uma ou mais ocasiões, e 44% no caso de Vila Aliança¹. Em outra pesquisa realizada pelo Instituto

¹ - Violência física inclui tapa, empurrão, soco, pontapé, puxão de cabelo.

PROMUNDO e pelo Instituto NOOS nas mesmas localidades, confirmamos que a maioria das situações de violência física entre adultos é do homem contra a mulher².

Foram encontrados índices altos de práticas de violência de adultos contra crianças nas comunidades estudadas. Em Santa Marta, 37% dos entrevistados disseram que um adulto da família havia usado violência física contra crianças pelo menos uma vez no último mês, e 40% responderam positivamente à mesma pergunta em Nova Aliança. Vejam, a seguir, alguns exemplos de situações em que os pais ou mães utilizaram de violência:

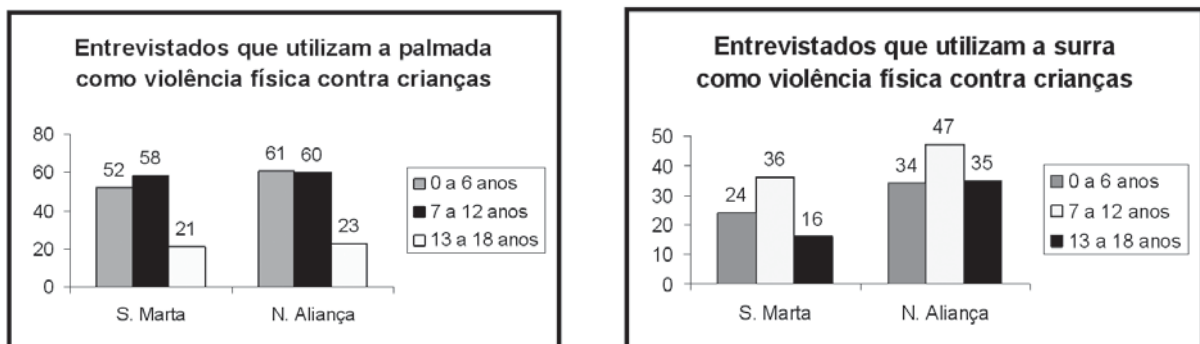
“Eu bato no meu filho, claro que sim. Dependendo do que ele faz, você tem que bater. Se não, você não tem como disciplinar eles.” (Mãe de criança de 0-6 anos).

“Primeiro eu converso com eles. Se eles não me obedecem, então eu bato”. (Mãe de criança de 0-6 anos).

“Se eu dissesse para você que eu nunca perdi o controle dando umas palmadas nos meus filhos eu estaria mentindo. Eu falo, falo, falo mas chega num ponto que eu tenho que ... (dar uma palmada) para mostrar que o que estou falando não é brincadeira, que é sério.” (Pai de criança de 7-12 anos).

A tabela 1 mostra o uso da violência dos pais e mães contra crianças por idade, divididas pelos tipos de violência física mais relatados nas entrevistas: palmada e surra. Nas duas comunidades podemos perceber uma tendência do uso de violência física contra crianças de 7 a 12 anos, diminuindo na adolescência.

TABELA 1



Nos casos da violência intrafamiliar, a maioria dos entrevistados, em ambas comunidades, não procuraram por ajuda ou falaram com alguém sobre a violência que sofreram ou cometeram. Em Santa Marta, somente 10% dos entrevistados disseram que procuraram por algum tipo de ajuda em uma situação onde a criança sofreu violência. Na maioria dos casos, parentes ou vizinhos foram as pessoas que mais frequentemente foram procuradas para dar algum tipo de apoio. O uso dos serviços formais de apoio à pessoas vítimas de violência foi utilizado apenas em 5% dos casos.

Aumentar o conhecimento sobre o que é violência intrafamiliar e promover a busca por ajuda nos casos de violência é um dos objetivos deste manual.

² - Pesquisa Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva: um estudo sobre homens no Rio de Janeiro/Brasil. Instituto PROMUNDO e Instituto NOOS, 2003.



Por que as famílias usam de violência contra as crianças?

Poucos pais maltratam as crianças intencionalmente. Na realidade, muitos pais não acreditam que a violência é a melhor forma de educar e disciplinar uma criança. No entanto, quando escutamos as famílias, observamos que frequentemente elas sentem falta de outras alternativas na hora de estabelecer limites para suas crianças.

Em muitas comunidades urbanas de baixa renda no Brasil, o relato de violência relacionada a drogas é comum. As favelas e localidades onde trabalhamos no Brasil são caracterizadas pela escassez de serviços públicos (como creches, serviços de saúde, atividades extra- escolares, recreação, dentre outros), pela exclusão social e pela violência na comunidade (como, por exemplo, a presença de grupos pertencentes ao tráfico de drogas conhecidos como *comandos*). Nestas situações, famílias frequentemente vivem com medo das balas perdidas e das crianças se envolverem ou serem prejudicadas pela violência que acontece a sua volta.

Os pais também estão cientes da falta de uma resposta adequada da segurança pública para essa violência. Em alguns casos, temos visto os pais utilizarem violência física contra as crianças no intuito de protegê-las. Também temos visto como a violência nas comunidades pode isolar as famílias e levar ao estresse, dois fatores que possibilitam o aumento da violência dentro de casa.

Em suma, a violência vivida e experimentada pelas famílias de baixa renda, claramente contribui para a violência dentro de casa. Ainda assim, sabemos que a violência na família é passível de prevenção. Ela não é inevitável.

Ao mesmo tempo que devemos trabalhar para melhorar a segurança pública e as condições de vida das famílias de baixa renda, devemos também trabalhar com as famílias no sentido de considerar outras alternativas para reagir ao estresse.

Entendendo as necessidades das crianças.

Desde o momento que elas nascem, as crianças necessitam de um ambiente onde se sintam protegidas, seguras e amadas. Elas precisam dos cuidados de um adulto que responda a estas necessidades de forma apropriada à sua idade. Se desde cedo a criança tem uma base segura, ela desenvolve sua curiosidade e aprende sobre o mundo em torno dela. Crianças que vivem com medo da violência – seja em sua casa, seja na comunidade onde moram – frequentemente têm dificuldades de aprendizado, de interação com outras pessoas e podem ter problemas de auto-estima. T. Berry Brazelton and Stanley Greenspan, dois especialistas em desenvolvimento infantil, em um recente estudo sobre crianças de 0-3 anos de idade nos Estados Unidos, concluíram que toda criança tem seis “necessidades fundamentais”:

1. A necessidade de relacionamentos constantes e acolhedores
2. A necessidade de proteção, de segurança e de limites
3. A necessidade de experiências que levem em conta diferenças individuais
4. A necessidade de experiências apropriadas para cada fase de desenvolvimento
5. A necessidade de limites, estrutura e expectativas
6. A necessidade de estabilidade, comunidades acolhedoras e continuidade das tradições culturais.

Conversando com outros pais sobre as necessidades das crianças, os pais poderão aprender uns com os outros e refletir sobre o que cada criança de fato precisa.





Fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias

Alguns especialistas da área de comunicação para mudanças sociais, costumam dizer que, para que certas atitudes e comportamentos mudem, é preciso de muito investimento e de estratégias diversificadas.

Quando pensamos na necessidade de se propor um projeto de fortalecimento comunitário e encontramos certas atitudes consideradas legítimas como, por exemplo, a de que o castigo físico é a melhor forma de se educar uma criança ou de que o que é bom para as crianças vem de fora já que “não tem nada na comunidade que é bom”, é o momento de buscar por alternativas para se lidar com as crianças que cometem alguma falta e de trabalhar com o autoconceito e a auto-estima das famílias e da comunidade em geral.

Uma das estratégias escolhida foi a da formação de multiplicadores das próprias localidades por meio de um programa de educação continuada que tivesse uma metodologia onde cada pessoa se sentisse respeitada e com o direito de externar suas opiniões sem constrangimento. Partindo do conhecimento que as bases comunitárias do Morro de Santa Marta e de Nova Aliança/Bangu tinham, além da experiência dos profissionais que trabalham nestas mesmas comunidades nos temas do desenvolvimento infantil, da violência intrafamiliar com ênfase na violência contra a criança e direitos da criança e do adolescente, foi elaborado e aplicado um programa de capacitação com a duração de 24 horas divididos em períodos de 4 horas semanais.

As atividades desenvolvidas nestas localidades, estão reproduzidas neste guia tendo sido testadas e modificadas a partir da opinião das 44 pessoas que participaram das suas primeiras aplicações.

Em relação aos resultados qualitativos da prova de campo, podemos destacar os seguintes pontos considerados como positivos:

- **Metodologia utilizada** – a grande maioria dos/as participantes acharam que *a forma participativa* como foram conduzidos os encontros fizeram com que *aprendessem mais*. Os debates que ocorreram após as técnicas, foram considerados importantes para se entender melhor os conteúdos e agradou a forma democrática com que ocorreram.
- **Temas** – de maneira geral, os temas abordados (Tipos de Famílias; Necessidades das Crianças, Violência Intrafamiliar e Violência contra a Criança; Direitos e Deveres das Crianças) foram considerados *bem trabalhados* e muitas pessoas disseram e escreveram que adquiriram não só um maior conhecimento sobre estes assuntos mas também se sentiram motivados a estudar mais.
- **Entrosamento do grupo** – em um primeiro momento, o grupo composto por jovens e adultos, pareceu inadequado e os/as participantes temiam por conflitos. Entretanto, o que sucedeu foi justamente o contrário: *não só adquiri novos conhecimentos com também troquei experiências com pessoas de outras idades ou todo mundo participou bastante e no final eu já nem me lembrava mais que tinha gente mais velha do que eu*. Isto mostra que, desde que conduzido com regras básicas de convivência, jovens e adultos podem conversar e discutir as diferenças que existem entre as gerações sem cair em situações acusatórias, moralistas ou de julgamento. Do mesmo modo, as pessoas convidadas a participar mas que eram de outros espaços (creches e movimentos sociais das comunidades) não tiveram problema algum em termos de participação nos encontros e o fato de estarem presentes gerou várias manifestações sobre ter sido um fato positivo, tais como: *o conhecimento de pessoas de outros espaços foi o que mais gostei, pois só assim podemos discutir, trocar idéias e aprender com isso. Também foi bom para entender que precisamos estar sempre unidos uns com os outros já que esses assuntos são do interesse de todos*.



Quando perguntamos se eles e elas tinham falado com alguém sobre os temas que foram discutidos na capacitação, as respostas mostraram que tínhamos alcançado um de nossos objetivos: o de multiplicar as informações na comunidade sobre crianças, famílias e suas bases de apoio:

Conversei muito com meus amigos e principalmente com a minha família sobre os direitos das crianças e o conselho tutelar.

Fiz cópia do gráfico de família e fiz a técnica com todo mundo lá de casa.

Falei com a minha vizinha que vive brigando com os filhos e com a minha irmã que bate muito na filha sobre os direitos e deveres das crianças. Dei para elas, também, o texto sobre os efeitos do castigo físico nas crianças.

Falei com meus amigos e vizinhos sobre as necessidades que as crianças tem e que tem que dar limites, mas sem violência. Tem que ter diálogo na família.

Eu faço trabalho evangélico e tenho falado sobre tudo o que discutimos quando visito as famílias.

Fiquei muito preocupada com o que aprendi sobre violência na família e com as crianças. Tinha um monte de coisas que eram violência e eu não sabia. Tenho falado isso com minhas vizinhas e com 3 coleguinhas da minha filha. Com meu marido também.

Os/As participantes também perceberam que algumas atitudes e comportamentos que tinham com os/a filhos/as mudaram depois dos encontros:

Mudei principalmente com a minha filha. Estou dando mais atenção a ela. Também estou diferente com a minha companheira. Estou tentando entender mais as coisas que ela passa e conversar mais.

Eu percebi que o fato de eu ficar cantando e dançando com meu filho não é bobeira e que faz bem para a criança. Antes eu só fazia quando estava sozinha com ele, agora faço na frente de todo mundo.

Depois do encontro, fui trabalhar em uma colônia de férias com 300 crianças. Antes eu não fazia isso jamais porque não teria paciência com elas.

Aprendi que devemos escutar as crianças e percebi que ler para elas não é perda de tempo.

Eu mudei bastante. Até a minha auto-estima ficou maior. Estou pensando em voltar a estudar.

Eu tenho deixado o meu companheiro falar sobre o que acontece no trabalho dele. Antes eu não tinha paciência de ficar ouvindo.

Tal como os facilitadores esperavam que fosse, o tema do abuso sexual contra crianças foi o mais difícil de coordenar. Situações vivenciadas pelos próprios participantes ou suas famílias, dificuldades de aceitar que estes crimes deveriam ser encaminhados pelos caminhos legais e não se fazer “justiça com as próprias mãos” levaram a uma discussão bastante tensa, tendo sido necessária uma intervenção mais direta dos facilitadores. Esta manifestação de raiva e de revanchismo é facilmente explicada





pelas situações de violência vivenciadas por essas pessoas em suas localidades, bem como pela insatisfação com as respostas e a morosidade dos órgãos competentes na solução de problemas deste porte. Do mesmo modo, a própria cultura ocidental vem mostrando que crimes sexuais contra criança, muitas vezes, são punidos com a morte nos presídios pelos outros reclusos.

A conclusão a que a equipe técnica e os participantes chegaram, foi a de que a capacitação abriu novas possibilidades para a elaboração de propostas que venham em direção a uma maior qualidade nas relações familiares e comunitárias. Os encontros continuam ocorrendo semanalmente, projetos e eventos estão sendo realizados pelas bases comunitárias e os conteúdos da capacitação são retomados sistematicamente para aprofundamento.

Uma Nota Final

Nenhum manual, nenhuma capacitação ou grupo de apoio consegue por si só combater a violência. Reduzir a violência contra crianças requer um trabalho em diferentes níveis comunitários e sociais para questionar a violência existente e assegurar o apoio às famílias e crianças na garantia de seus direitos e de educação, saúde, empregabilidade e cidadania. Mas informar e fortalecer os pais e cuidadores é vital para a prevenção da violência. Este seja, talvez, o primeiro passo a ser dado.



PERGUNTAS E RESPOSTAS³

1- Palmada educa?

A palmada faz com que as crianças aprendam pelo medo e, portanto, isso não significa que a criança adquiriu um novo conhecimento. Apesar de, em nosso país, esta forma de educar ser transmitida de geração a geração fazendo com que todo mundo ache que é natural o uso da palmada, ela é mais problema que uma solução. A palmada, a surra, o beliscão, o puxão de cabelo, etc são considerados castigos físicos, ou seja, *o uso da força causando dor, mas não feridas, com o propósito de corrigir uma conduta não desejada na criança.*

As famílias costumam recorrer ao castigo físico por diferentes razões:

- porque acham que é importante para a educação dos filhos;
- para descarregar a raiva;
- porque perdem o controle;
- porque acreditam que é o meio mais eficaz para evitar que os filhos repitam uma atitude ou comportamento considerados perigosos ou muito inadequados.

Mas seja qual for a justificativa que se dá para o castigo físico, os efeitos que produzem não são bons:

- ensinam o medo e a submissão, minando a capacidade das crianças de crescer como pessoas autônomas e responsáveis;
- paralisam a iniciativa da criança bloqueando seu comportamento e limitando sua capacidade de planejar e resolver problemas;
- quando tem medo de ser castigadas, as crianças não se arriscam a tentar coisas novas, de modo que não desenvolvem sua criatividade, sua inteligência e seus sentidos;
- não estimula a autonomia, nem permite elaborar normas e critérios morais próprios;
- estimula uma relação em que a criança consegue mais atenção dos pais por meio da transgressão da norma do que por atitudes positivas;
- oferece a violência como um modo válido para resolver conflitos aprendendo atitudes violentas;
- dificulta o desenvolvimento de valores como a paz, a democracia, a cooperação, a igualdade, a tolerância, a participação e a justiça, essenciais para uma sociedade democrática.
- legitima o abuso de poder dentro de todas as relações familiares;
- traz consigo sempre o castigo emocional, fazendo com que a criança sinta que não tem o carinho dos pais nem sua aprovação.

Mesmo que em alguns momentos se pense que o castigo físico é necessário porque não existem outros procedimentos para gerar disciplina, vale lembrar que existem outras formas de ensinar que não implicam castigo físico tal qual uma boa conversa.

O castigo físico não só não educa, como também vai contra muitos dos direitos que estão na *Convenção das Nações Unidas pelos Direitos da Criança*⁴, uma vez que atenta contra a dignidade e a integridade física da criança. Para dar prosseguimento aos progressos realizados pelos Estados

3 - As respostas a estas perguntas foram elaboradas a partir das seguintes publicações: *Protegendo nossas crianças e adolescentes (Prefeitura da Cidade do Rio/Secretaria de Saúde)*; *Educa, no pegues! (Save the Children)*; *Palmada já era (LACRI)*; *Abuso Sexual: Mitos e Realidade (ABRAPIA)*; *Violência Intrafamiliar: Orientações para a Prática no Serviço de Saúde (Ministério da Saúde)*; *Da Violência para a Convivência (Instituto PROMUNDO)*; *Relatório Mundial sobre violência e saúde (OMS)*; *Boletim Transa Legal (ECOS)*; *Direitos Humanos e Violência Intrafamiliar (Ministério da Saúde/Ministério da Justiça)*; *Manual de Prevención del Abuso Sexual (Save the Children - España)*.

4 - Informações mais detalhadas sobre a Convenção, estão descritas na pergunta 10 deste módulo.



na aplicação da Convenção, foi criado o “O Comitê dos Diretos da Criança das Nações Unidas”. Este comitê tem afirmado reiteradamente que a prática do castigo físico deve ser totalmente proibida.

2 - Que alternativas se pode utilizar para prevenir o uso de qualquer castigo físico?

O ideal seria que, respeitando as possibilidades de cada faixa etária, as mães, os pais ou os responsáveis, desde cedo procurassem estabelecer algumas atitudes como estas sugeridas por vários autores:

- Estabelecer com a criança limites claros, coerentes e consistentes, para que saibam o que podem ou não fazer;
- Dedicar um tempo do dia para ficar com elas;
- Procurar tomar as decisões junto com elas, explicando os porquês quando a sugestão da criança não puder ser aceita;
- Escutar e respeitar a opinião da criança e estimular a sua autonomia;
- Elogiar o que elas fazem bem e, no caso de uma crítica, falar sobre a ação realizada e não como se fosse um problema pessoal;
- Procurar se colocar no lugar da criança para entender o porquê dela estar agindo ou pensando de uma determinada forma;
- Conhecer as possibilidades das crianças em cada uma das faixas etárias e deixá-las assumir responsabilidades segundo suas capacidades.

3- O que é preciso saber e fazer para evitar conflitos com as crianças?

Uma das coisas mais importantes para evitar ou diminuir os conflitos dentro de casa é conhecer as fases do desenvolvimento de uma criança, bem como suas características, limitações e os cuidados necessários em cada uma delas. Muitas vezes, por desconhecer essas etapas, os adultos acabam esperando que a criança entenda ou faça alguma coisa que ainda não está preparada ou mesmo entendam que ela ainda não é capaz de algo que já é. Sem conhecer esses limites dados pelo desenvolvimento, os pais tendem a se irritar com o que a criança faz ou não consegue fazer.

Alguns profissionais que estudam características e necessidades infantis costumam dizer que o desenvolvimento da criança acontece em três planos: o biológico, o cognitivo (conhecimento) e o afetivo/social. Isto significa que além do alimento e dos cuidados com a saúde, é igualmente importante que ela se sinta amada, protegida e vivendo em um ambiente acolhedor. São igualmente importantes o lugar e as pessoas com quem a criança se relaciona.

O primeiro contato, e o mais forte, que a criança tem é com sua família. A família costuma ser definida como um grupo de pessoas que possuem vínculos afetivos, de consangüinidade ou de convivência. Independente da forma como ela está configurada, a família é quem primeiro transmite os valores, usos e costumes de uma determinada sociedade para as crianças. É no dia a dia que os filhos e as filhas vão recebendo os primeiros ensinamentos e vão internalizando os valores da sociedade, ou seja, como uma pessoa deve ou não deve comportar-se. É por isso que se diz que a família reproduz os valores culturais, porque os ensinamentos são transmitidos de uma geração para outra.

Logo em seguida vem os amigos, a escola, os meios de comunicação etc. Com estes outros contatos, a criança aprende cada vez mais a viver e a conviver em grupo, aprendendo novos conhecimentos; novas regras; aprende que faz parte de uma comunidade; a responsabilizar-se pelas decisões e comportamentos pessoais; a reconhecer, compreender e saber expressar emoções e afetos etc.

No quadro seguinte, estão listadas algumas características das crianças de 0 a 11 anos em quatro diferentes etapas do desenvolvimento:



CARACTERÍSTICAS

DICAS

Nascimento até 2 anos

- O bebê depende completamente e o tempo todo dos adultos.
- Uma das formas que ele tem de comunicar-se é o choro.
- Nessa fase, o contato físico é muito importante para o desenvolvimento do bebê. O colo dá segurança ao bebê.
- Ele ainda não consegue compartilhar seus brinquedos quando está brincando com outras crianças.

- Quando o bebê chora, tenha paciência e descubra porque ele está chorando. Veja se está com fome, sujo, se sente calor, frio ou dor. Às vezes ele chora só porque quer estar perto da mãe, do pai ou de outro cuidador.
- Não deixe o bebê aos cuidados de uma outra criança, mesmo que seja só por alguns instantes.
- De um a dois anos, o bebê não entende direito o que você fala, mas percebe claramente quando um adulto fala afetivamente com ele.

Dos 2 aos 3 anos

- A criança começa a manifestar sua vontade e é extremamente curiosa.
- Nesta fase, a exploração dos diferentes espaços e dos objetos é necessária e importante para o desenvolvimento do conhecimento da criança. Entretanto, é preciso que um adulto esteja sempre junto dela para evitar acidentes.
- A criança precisa aprender o que pode e o que não pode fazer. Prepare-se para dizer “não” muitas vezes.
- Ela começa a aprender a controlar seu xixi e cocô e a pedir para ir ao banheiro e já pode começar o treinamento da higiene, abandonando as fraldas aos poucos. Entende várias coisas do que se pede a ela, mas pode se recusar a entender.

- Evite acidentes. Procure criar um ambiente seguro para as crianças brincarem. Tire do alcance qualquer objeto perigoso (medicamentos, produtos de limpeza, coisas que possam quebrar, ser engolidas, que cortem ou com pontas). Cubra as tomadas.
- Também é preciso impedir que as crianças fiquem sozinhas em locais como banheiro molhado, perto do fogão, perto de janelas ou na porta da rua.
- Se ele está na creche, procure conhecer bem o local e as crecheiras e esteja presente e interessado nas atividades da escolinha e do seu filho. Mantenha esses cuidados durante toda a vida escolar.

Dos 3 aos 5 anos

- A criança é muito ativa; fala sozinha; inventa “amigos imaginários”; colabora com seus pais e professores e espera a aprovação deles.
- Nessa fase ela está testando os limites do que pode e não pode fazer.
- Costuma tocar seus genitais e fazer perguntas sobre como nascem os bebês.

- Explique sempre seus motivos quando disser não.
- Eduque seu filho através de brincadeiras. Brinque sempre com ele.
- Quando sair com ele, leve algo para distraí-lo, como um brinquedo.
- Responda as perguntas sobre sexo na medida em que surgem e de forma bem simples.

Dos 6 aos 11 anos

- As crianças começam a se relacionar em sociedade e podem acontecer situações de conflito na família e na escola.
- Por outro lado, a criança já é capaz de escutar e entender as razões dos outros.
- Gostam de se relacionar com outras crianças por meio de conversas ou jogos e de explorar o mundo correndo e pulando. Cada vez mais ele consegue repartir os brinquedos
- É uma fase de muitos acidentes, brigas com irmãos e também de muita bagunça.
- Já têm consciência sobre as atitudes que sociedade espera de um homem e de uma mulher.
- A influência do grupo de amigos começa a ficar mais forte.

- É o momento para os pais, mães e educadores apresentarem com clareza os valores e os limites de comportamento que acham importantes, envolvendo mais responsabilidades de acordo com a idade.
- É sempre bom explicar importância dos estudos e da rotina.
- Os pais são tomados como modelos de comportamento. As atitudes familiares dizem mais que as palavras.
- Assim como se devem impor limites e chamar a atenção para a importância de se respeitar os outros e as regras, também é necessário valorizar as crianças pelo bom comportamento e elogiá-las por suas conquistas.
- É importante que a criança participe das decisões familiares e que seus desejos e vontades sejam levados em consideração.
- Os pais devem estar de acordo sobre a educação do filho. Quanto mais velho, mais ele percebe as contradições entre os pais.



Mas, é preciso ficar claro que, a informação sobre o desenvolvimento infantil por si só não basta para reduzir a violência. Muitos pais sabem muito sobre o desenvolvimento mas, muitas vezes, não conseguem garantir o melhor para os seus filhos devido a situações de estresse, violência dentro da família, falta de condições de moradia adequadas, dentre outros motivos. Mesmo assim, ter informações claras e adequadas não só ajuda como é um passo necessário e importante para reduzir a violência contra a criança.

4- Castigo físico e maus-tratos contra crianças são a mesma coisa?

Não, enquanto o castigo físico é utilizado com o propósito de “educar” e geralmente não deixa lesões físicas, os maus-tratos ou abusos são definidos como “exposição a perigo a vida ou a saúde de pessoa sob sua autoridade, guarda ou vigilância, para fim de educação, ensino, tratamento ou custódia, quer privando-a de alimentação ou cuidados indispensáveis, quer sujeitando-a a trabalho excessivo ou inadequado de meios de correção ou disciplina” (Artigo 136 do Código Penal).

Geralmente, são citados nos livros quatro tipos de maus-tratos por parte dos responsáveis pelos cuidados com as crianças:

Abuso físico ⇒ atos cometidos por pessoas responsáveis pelos cuidados com a criança que causam dano físico ou apresentam a possibilidade de um dano, com o objetivo de ferir, danificar ou destruir esta criança ou adolescente, deixando ou não marcas evidentes.

Abuso emocional ⇒ falha em proporcionar um ambiente apropriado e de amparo, e inclui atos que têm um efeito adverso sobre a saúde e o desenvolvimento emocional de uma criança. Destacam-se: rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, exposição ao ridículo, ameaças e intimidações etc.

Negligência ⇒ ato de omissão do responsável pela criança – quando os pais têm condições de atender a estas demandas - em prover as necessidades básicas para o seu desenvolvimento em uma ou mais das seguintes áreas: saúde, educação, desenvolvimento emocional, nutrição, abrigo e condições de vida seguras. Distingue-se das circunstâncias de pobreza, uma vez que só é considerado negligência nos casos onde existam recursos disponíveis para a família atender a estas necessidades.

Abuso Sexual ⇒ situação em que uma criança é usada para prazer sexual de um adulto ou mesmo de um adolescente, baseado em uma relação de poder e incluindo desde manipulação dos órgãos genitais, seios, ânus, exploração sexual, “voyeurismo” (pedir para ver o outro) e exibicionismo (mostrar o corpo para o outro), até o ato sexual com ou sem penetração. Na maioria dos casos, o abusador é uma pessoa que a criança conhece, confia e frequentemente, ama. Pode ocorrer com uso da força e da violência, mas, na maioria das vezes, estas não estão presentes.

Estes crimes estão previstos em lei, o que significa que se o caso for notificado, a pessoa que poderá ter problemas com a justiça. Nos dias de hoje, apesar da prisão ser uma das atitudes tomadas pela justiça, a tendência é a de que, nos casos menos graves, se procure por soluções mais conciliadoras e levando em conta os interesses das crianças.

5- O que podemos fazer para prevenir os maus-tratos contra as crianças?

O primeiro passo para deter este tipo de violência é começar a enxergá-la, reconhecê-la no nosso dia a dia e conhecer também quais são os direitos da criança. Também, é preciso conhecer e refletir



sobre algumas coisas. A primeira delas é saber que a violência contra a criança sempre existiu. Basta procurar em um livro de história do Brasil e do mundo que vamos nos deparar com vários relatos de massacres e abandono de crianças. Portanto, não é um fenômeno que acontece só nos dias de hoje.

Alguns autores, também, dizem que existem alguns fatores presentes no dia a dia das pessoas, que podem funcionar ou como fatores protetores ou fatores de maior vulnerabilidade das crianças em relação ao abuso. Estes fatores estão presentes na família, na comunidade e na cultura como é possível perceber no quadro abaixo.

Fatores de Proteção

Fatores de Vulnerabilidade

Familiares

- Conhecimento das especificidades e necessidades de cada faixa etária das crianças;
- Pais que tenham auto-estima alta;
- Habilidades de comunicação e de resolução de problemas;
- Igualdade entre o gênero feminino e masculino;
- Situação financeira estável;
- Educação afetiva e sexual adequada;
- Apego materno/paterno;
- Reconhecimento do que significa maus-tratos contra as crianças;
- Conhecimento dos direitos das crianças e de locais onde buscar por eles;
- Uso do diálogo como forma de lidar com os problemas;
- Existência de uma rede de apoio social etc.

- Desconhecimento das especificidades e necessidades de cada faixa etária das crianças;
- Pais que tenham auto-estima baixa;
- Dificuldades de comunicação e resolução de problemas;
- Desigualdade entre homem e mulher;
- Desemprego ou situação de pobreza;
- Consumo de álcool ou drogas por alguém da família;
- Pais com histórico de maus-tratos, abuso sexual ou rejeição na infância;
- Falta de estabelecimento de um vínculo afetivo entre a criança e os pais;
- Violência entre os adultos dentro de casa;
- Falta de conhecimento dos direitos da criança como cidadão;
- Castigo físico contra as crianças;
- Falta de uma rede de apoio na comunidade.

Comunidade

- Rede de apoio comunitária ampla e diversificada;
- Integração com grupos que tenham objetivos comuns;
- Participação em eventos e reuniões na comunidade;
- Programas de prevenção da violência contra a criança sendo desenvolvidos na comunidade;
- Programas de melhoria da qualidade de vida sendo desenvolvidos na comunidade;
- Acesso a serviços básicos como educação, saúde, conselho tutelar etc.
- Redes comunitárias formadas e atuantes.

- Falta de vínculos na comunidade;
- Dificuldade de acesso a serviços básicos como educação, saúde e conselho tutelar.
- Comunidade com histórico de violência.

Culturais

- Criança vista como uma pessoa com opiniões, necessidades e com direitos;
- Valores culturais que não encorajem o uso do castigo físico como medida educativa;
- Meninos e meninas tendo as mesmas oportunidades e sendo educados como pessoas com os mesmos direitos e deveres;
- Não discriminação de negros e de negras;
- Proteção eficaz da infância por parte da sociedade;
- Implementação da Convenção sobre os direitos da Criança das Nações Unidas e do Estatuto da Criança e do Adolescente;
- Atitude respeitosa e protetora das crianças pelos meios de comunicação.

- Criança vista como propriedade dos pais e não como uma pessoa com direitos;
- Tolerância com o uso do castigo físico como medida educativa;
- Sexismo: idéia de que a mulher tem menos direitos que os homens;
- Racismo: idéia de que o branco vale mais do que o negro;
- Meios de comunicação de massa que focalizam mais a violência e a discriminação do que a não-violência e as relações equitativas entre os gêneros.



É, também, importante reconhecer que mesmo que uma família seja extremamente vulnerável, isto não significa, necessariamente, que ela seja violenta. Ou seja, são fatores que contribuem para que a violência ocorra, mas não significam que ela inevitavelmente vá ocorrer.

6 – Minha comunidade é violenta... E agora, como posso criar bem meu filho?

Muitas cidades brasileiras e de outros países no mundo enfrentam esse dilema, causado por guerras, conflitos armados de origem política e pelo narcotráfico. As crianças são sempre as maiores vítimas, porque sentem medo e são pequenas demais para compreender o que está acontecendo. Nem sempre nós podemos resolver a violência que nos cerca, mas podemos e devemos fazer algumas dessas coisas:

- Não alimentar a violência já existente. Se a comunidade costuma recorrer a pessoas e a grupos violentos para a resolução de conflitos, verá que eles vão se sentir cada vez mais autorizados a se envolver e interferir na vida da localidade;
- Criar, fortalecer e participar de grupos, coletivos, espaços, organizações, instituições, associações, cooperativas, que não tenham vínculos com os grupos violentos e que promovam a cidadania.
- Lute pelos seus direitos, consagrados no ECA e cobre do Estado a instalação de centros comunitários de convivência, cultura, profissionalização, esportes e lazer, especialmente para crianças e adolescentes. Isso, além de ser direito, promove a convivência comunitária e ajuda a prevenir e diminuir a violência.
- Não deixe seu filho trancado em casa o tempo todo para protegê-lo da violência, mesmo que você tenha televisão, videogame, videocassete, computador... Isso não basta. Sabemos que em várias situações essa é uma medida de proteção necessária, mas ele precisa sair, passear, ver o mundo e exercitar-se para seu desenvolvimento.
- Procure apoiar ou indicar formas de apoio às crianças, adolescentes e famílias que passam por dificuldades ou que são muito isoladas em sua vizinhança. Se for o caso, denúncias anônimas sobre algum problema grave podem ser feitas ao Conselho Tutelar mais próximo.
- Diga a seu filho que ter que obedecer às regras criadas por pessoas que se afirmam pelo medo, pela força e pelas armas é uma situação injusta e opressiva e que a violência não é um meio aceitável de convivência e nem de se impor aos outros. Mostre que, em geral, as pessoas que vivem dessa maneira também encontram um fim violento e às vezes muito cedo.
- Mostre para ele o valor da vida e da paz, na transmissão de seus valores e/ou de suas convicções religiosas. Todas as religiões pregam a paz e você deve enfatizar isso na formação da sua criança, se for o caso de seguir alguma delas. Mostre para ela outras músicas, filmes, programas de tevê, livros, lugares, pessoas... que não sejam violentos. Quanto mais opções ela tiver, melhor poderá escolher. Fale essas coisas para outras crianças, pais de sua vizinhança, pessoas da escola e da igreja. Procure promover uma cultura de paz.
- Se você quer mesmo que seu filho ou filha sejam os homens e mulheres pacíficos de amanhã e que o problema realmente tenha terminado ou pelo menos diminuído no futuro próximo, dê o exemplo. Seja você, pai ou mãe, pacífico e não violento com eles.



7- O que é o Estatuto da Criança e do Adolescente?

O Estatuto da Criança e do Adolescente, como foi denominada a Lei Federal

nº 8.069, de 13 de julho de 1990, é uma lei com 267 artigos que trata sobre a proteção integral às crianças aos adolescentes de todo o Brasil. O ECA, como é mais conhecido, foi elaborado para atender as pessoas de zero a 18 anos e, em alguns casos, as com idades entre 18 e 21 também, levando em consideração que são cidadãos em desenvolvimento.

De acordo com este documento, a criança e o adolescente têm o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à profissionalização, ao esporte, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do governo garantir esses direitos às crianças e aos adolescentes e lhes oferecer oportunidades que proporcionem o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social.

Logo em seus primeiros artigos, no quinto, o Estatuto estabelece que nenhuma criança ou adolescente poderá ser objeto de discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão. O adulto que não obedecer será punido na forma da lei.

8- O que é o que faz Conselho Tutelar?

O Conselho Tutelar é um órgão encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente. A ele cabe aplicar as medidas de proteção à criança e ao adolescente evitando que os seus direitos sejam ameaçados ou violados. Para promover a execução de suas decisões, pode requisitar serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança, bem como representar a autoridade judiciária nos casos de descumprimento injustificado de suas deliberações. O Conselho recebe todo tipo de denúncias de violações aos direitos das crianças e adolescentes e auxilia os governos a elaborarem as políticas públicas para infância e juventude, junto com o Conselho de Direitos Municipal. As denúncias podem ser feitas anonimamente e cabe ao Conselho verificar se são verdadeiras.

Funções do Conselho Tutelar

1. Atender as crianças e adolescentes nas hipóteses previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente, aplicando as medidas previstas em lei;
2. Atender e aconselhar os pais ou responsáveis;
3. Promover a execução de suas decisões, podendo, para tanto, não só requisitar serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança, mas também representar junto à autoridade judiciária nos casos em que suas deliberações não tenham sido cumpridas;
4. Comunicar ao Ministério Público, fatos que constituem infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou adolescente;
5. Encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência;
6. Providenciar a medida estabelecida pela autoridade judiciária, dentre as previstas no documento para o adolescente autor de ato infracional;
7. Expedir notificações para pessoas e instituições que infringiram os direitos das crianças e dos adolescentes;
8. Requisitar certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescente quando necessário;
9. Assessorar o Poder Executivo local na elaboração da proposta orçamentária para planos e programas de atendimento dos direitos das crianças e do adolescente;
10. Representar, em nome da pessoa e da família, contra a violação de artigos previstos na Constituição Federal;
11. Representar ao Ministério Público, para efeito das ações de perda ou suspensão do pátrio poder.



9 - Quem pode ser conselheiro tutelar?

O Conselho Tutelar é formado por membros eleitos pela comunidade, com mandato de três anos. Cabe à prefeitura definir como serão as eleições.

O processo para a escolha dos membros do Conselho Tutelar é estabelecido em Lei Municipal e realizado sob a responsabilidade do CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e a fiscalização do Ministério Público.

Para a candidatura a membro do Conselho Tutelar, são exigidos os seguintes atributos:

- I – não ter tido problemas considerados sérios com a justiça;
- II – idade superior a vinte e um anos;
- III – residir no município.

No Estatuto da Criança e do Adolescente, são previstos alguns impedimentos quanto a servir no mesmo Conselho: laços de parentesco (marido e mulher; irmãos; genros; cunhados; sogros; enteados etc).

10. O que é a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças?

Aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 1989, esta Convenção exige que os Estados protejam as crianças de todas as formas de violência física e mental enquanto estiverem sob os cuidados parentais e outros responsáveis. É de cumprimento obrigatório pelos Estados que assinaram o documento (todos dos Estados membros das Nações Unidas com exceção dos Estados Unidos e da Somália). Os países membros que assinaram a Convenção tiveram que adaptar sua legislação interna ao texto aprovado estabelecendo medidas adequadas para garantir a proteção das crianças e responder ante a Comunidade Internacional sobre suas ações em relação aos direitos das crianças.

A Convenção sobre os Direitos da Criança contem 44 artigos, cada um dos quais contém detalhes sobre um tipo particular de direitos.

Podem ser divididos em quatro categorias básicas:

Direitos à sobrevivência ⇔ engloba o direito das crianças à vida e a ter garantido suas necessidades mais fundamentais para sua existência; entre eles se inclui um nível de vida adequado, casa, alimentação e acesso aos serviços médicos.

Direitos ao desenvolvimento ⇔ que inclui uma série de necessidades que as crianças tem para alcançar seus potenciais como, por exemplo, direito à educação, a brincar, a divertir-se, a atividades culturais, ao acesso à informação e à liberdade de pensamento, opiniões e religião.

Direitos à proteção ⇔ exigem que as crianças sejam salvaguardadas de todas as formas de abuso, abandono e exploração, e abarcam temas tais como atenção especial a crianças refugiadas, tortura, abusos do sistema judicial, participação em conflitos armados, trabalho infantil, consumo de drogas e exploração sexual.

Direitos à participação ⇔ permitem às crianças assumir um papel ativo em suas comunidades e nações. Estes direitos incluem a liberdade de expressar opiniões, de opinar sobre os assuntos que afetam sua própria vida, de associar-se e reunir-se com fins pacíficos. Na medida em que desenvolvem suas capacidades, as crianças de ter oportunidades crescentes de participar em atividades da sociedade, como preparação para uma idade adulta responsável.



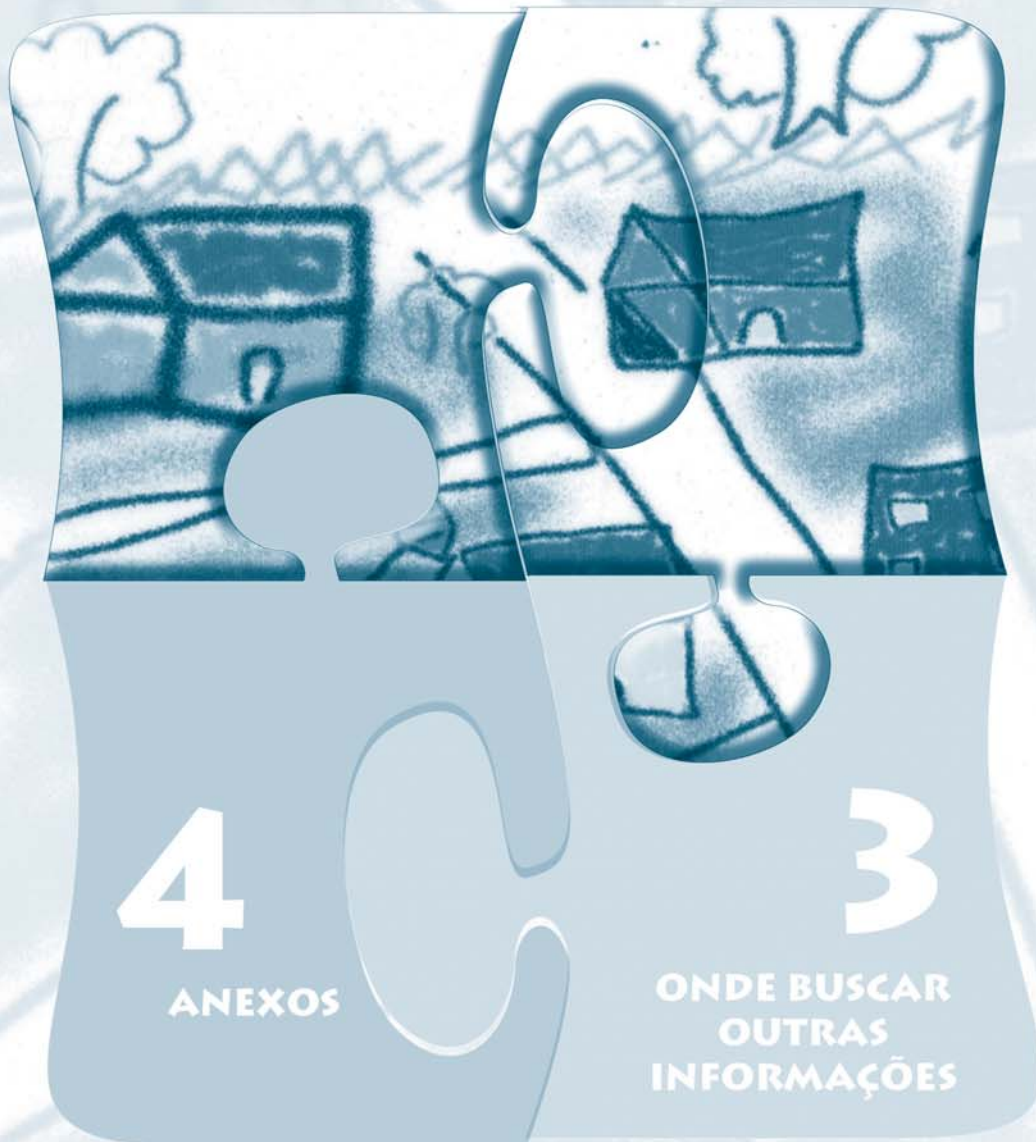
11. Os direitos das crianças não afetam os direitos dos pais?

Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Convenção defenderem os direitos básicos das crianças, não infringem os direitos dos pais de decidir o que é melhor para seus filhos. Pelo contrário, declara explicitamente que os governos devem dar todo o apoio necessário para manter a integridade das famílias e proporcionar apoio e assistência aos pais no cumprimento de suas responsabilidades em relação à criança e ao seu desenvolvimento.

A família é, sem dúvida, o núcleo mais importante para o desenvolvimento do menino e da menina. A promoção dos direitos das crianças não consiste em colocá-los em conflito com as autoridades adultas, mas em estimular todos os cidadãos a trabalharem juntos por um futuro seguro, saudável e produtivo para as crianças.

MÓDULO 2

TÉCNICAS DE TRABALHO EM GRUPO





INICIANDO A CAPACITAÇÃO

Para iniciar uma proposta de capacitação é preciso muito planejamento e muita preparação. É como se fosse uma viagem, só que em vez de ser para uma outra cidade, seria em direção a um determinado conhecimento.

Mas antes de começar nossa viagem, é necessário que se invista na preparação do nosso guia turístico, ou seja, o **facilitador**. Um bom facilitador é aquele que conhece o assunto sobre o qual a capacitação versará; que tenha uma postura bastante democrática, escutando o que os participantes têm a dizer, não as julgando e nem permitindo que sejam desrespeitadas pela plenária. E, para conseguir alcançar os objetivos da capacitação, é preciso utilizar uma metodologia que seja igualmente respeitosa.

Por esta razão, nesta publicação, a **metodologia** proposta é a de linha participativa. Esta metodologia permite uma relação mais aberta e horizontal entre as pessoas que formam o grupo, promovendo discussões menos formais e privilegiando o debate e a troca de experiências. Possibilita, ainda, que os participantes se sintam valorizados à medida que se percebem como agentes ativos, envolvidos na discussão, identificação e busca de soluções para seus problemas. Por meio da utilização de técnicas de trabalho em grupo é possível, também, falar de assuntos difíceis sem expor as pessoas a situações constrangedoras ou comprometedoras. Desse modo os participantes podem apropriar-se dos conteúdos e refletir sobre seus significados em suas próprias vidas e comunidades.

As técnicas⁵, aqui sugeridas, foram descritas de forma a fornecer um instrumento que contribuísse para que o profissional pudesse se organizar em termos do objetivo a ser alcançado, do tempo necessário e dos materiais que tem que ser providenciados. O procedimento para aplicar cada uma delas está descrito passo a passo, perguntas para estimular a discussão são sugeridas e, ao final, algumas mensagens importantes são indicadas para os encerramentos. O tempo previsto para a duração de cada atividade varia de 60 minutos a três horas, totalizando 24 horas de capacitação.

Nesta viagem, pode até ser que as pessoas já conheçam os temas que vão ser trabalhados mas, como um guia turístico mais sensível, caberá ao facilitador, primeiramente, saber o que os viajantes sabem sobre o assunto, que opiniões já têm e, a partir daí, traçar alternativas e estratégias para que eles possam acrescentar novos elementos ao diferentes saberes já existentes ou mesmo promover situações onde se possa enxergar aquela mesma situação, mas com outros olhos.

Uma outra responsabilidade do facilitador, é buscar por um local agradável para os encontros: que não seja muito barulhento; onde não ocorram interrupções a cada 5 minutos; as cadeiras não sejam fixas para se poder fazer um círculo para conversar melhor; preparar cuidadosamente o material que será utilizado; organizar um pequeno lanche. Feito isso, está preparada a **infraestrutura** para se começar nossa excursão.

Nosso guia já está preparado, a excursão já está organizada e a hora da viagem chegou!

O primeiro passo, então, é a aplicação do **pré-teste**⁶. O objetivo deste pré-teste é o de saber quais os conhecimentos que os participantes têm sobre os temas do desenvolvimento infantil, violência contra a criança e intrafamiliar e direitos das crianças antes da capacitação. Os resultados encontrados, permitirão não só que o facilitador perceba os pontos que deverão ser priorizados mas também perceber quais poderiam ser os pontos contemplados nas discussões que, potencialmente, causariam maior tensão.

5 - As atividades sugeridas neste guia foram previamente testadas e levaram em conta estudos e práticas de outras organizações, tais como: Save the Children - Espanha, UNICEF, ChildHope UK, Fundação Odebrecht, ECOS, Instituto PAPAI, Salud y Género, dentre outras.

6 - No anexo 1, está o modelo que foi utilizado pelo projeto Fortalecendo as Bases de Apoio Familiares e Comunitárias nas seguintes localidades do Rio de Janeiro: Morro de Dona Marta, Vila Aliança/Bangu, Água Mineral/São Gonçalo.



Aplicado o pré-teste, é hora de apresentar os pontos “turísticos” desta viagem e quem vai estar junto. O **aquecimento**, serve justamente para isso: apresentar os temas que serão abordados; saber quais são as expectativas que as pessoas tem sobre estes encontros; esclarecer os objetivos e criar um ambiente agradável para que todos se sintam à vontade para dar suas opiniões e sugestões. Entretanto, sabemos que conviver com um grupo novo mesmo que, por pouco tempo, nem sempre é fácil. Competição, agressividade, brincadeiras preconceituosas, são algumas das situações que podem acontecer e, por isso, é necessário que se faça um verdadeiro **contrato de convivência**.

Quando tudo isso estiver pronto, agora sim, é hora de começar nossa viagem.

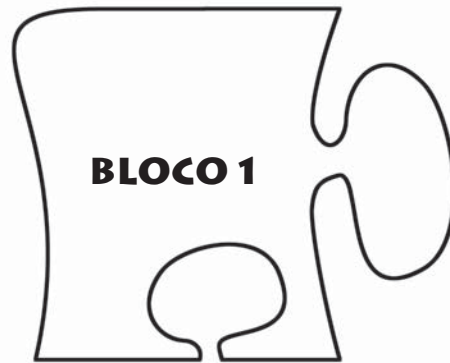
E ela começa pelo caminho dos **direitos da criança e do adolescente** e segue pela discussão sobre a **diversidade**, ou seja, as diferenças que existem entre as pessoas e que são vistas ainda por muitas pessoas como desigualdades. Questões relacionadas ao racismo, por exemplo, são tratadas neste momento.

Na seqüência, o tema da **família** é visitado seguindo-se para as **necessidades físicas, afetivas e sociais de uma criança de 0 a 11 anos**. Para terminar essa parte de nossa excursão, é feita uma parada na árvore dos **gêneros** para se entender como as diferenças que existem entre o ser homem e o ser mulher são construídas, perceber que, nos dias de hoje, existem várias formas de ser homem e de ser mulher e que os direitos são os mesmos.

Depois, seguindo por nossa estrada, é hora de falar sobre um problema que ninguém gostaria que existisse mas que, infelizmente, faz parte da vida de todo mundo: as **violências**. A violência que está a nossa volta, a que sofremos e a que cometemos, a violência dentro de casa, os maus-tratos contra crianças e adolescentes, o abuso sexual, são alguns dos temas que são abordados. Entretanto, longe desta fase da viagem parecer impossível de ser feita e de dar vontade de desistir, ela vai nos levar pelo caminho das alternativas que existem para resolver os conflitos dentro da família e nos lembrar dos apoios e recursos que estão na comunidade e que podem nos ajudar.

E já que, a partir daí sabemos quais são os direitos das crianças e dos adolescentes, o que é uma família e quais as necessidades das crianças e o que é preciso fazer para prevenir a violência dentro de casa e com quem contamos na comunidade, é hora de organizar uma nova viagem e convidar novos participantes. E, para que ela seja boa, é preciso saber onde queremos chegar, planejar o que vamos fazer para organizar uma verdadeira **rede** de pessoas em nossa comunidade ou em nossa cidade, que tenham objetivos em comum: o de garantir que todas as crianças vivam em um ambiente seguro e protetor, ou seja, de crescer em famílias onde estejam livres da violência e tenham todos os cuidados que precisam para se desenvolver e que os pais, as mães e os responsáveis estabeleçam limites, disciplina e formas de ajudar seus filhos em seu processo de crescimento que não incluam o uso da violência.

E para terminar, é preciso saber se os viajantes gostaram da viagem e se ela trouxe mudanças para a sua vida. A **avaliação** tem duas etapas: a primeira é a aplicação do pós-teste, o mesmo instrumento que se utilizou antes da capacitação iniciar e que vai nos mostrar o que mudou em termos do conhecimento e postura das pessoas frente às situações referentes às necessidades das crianças, violência intrafamiliar e direitos das crianças e adolescentes. Aplicado o pós teste, são sugeridas cinco questões para serem discutidas pelo grupo oralmente e, quem sabe, no final até se marcar as datas de um novo passeio.



APLICANDO O PRÉ-TESTE, AQUECENDO O GRUPO E ESTABELECENDO REGRAS DE CONVIVÊNCIA



Pré-Teste

Objetivo: levantar os conhecimentos que os participantes têm sobre os temas do desenvolvimento infantil, violência contra a criança e intrafamiliar e direitos das crianças e dos adolescentes antes da capacitação.

Material: questionários de pré-teste (*anexo 1*) para todos os participantes.

Tempo: 5 minutos por pessoa

Procedimento

1. Assim que o grupo a ser capacitado estiver reunido, explique que cada pessoa vai ser entrevistada para responder a algumas perguntas sobre temas que dizem respeito à proposta.
2. Com a ajuda de uma equipe, formada por pessoas que tenham experiência em pesquisa, aplique o questionário.
3. Quando todas as pessoas tiverem sido entrevistadas, passe para a atividade de aquecimento.



Aquecendo o grupo e estabelecendo regras de convivência

Objetivo: Tornar o clima do grupo mais informal, conhecer as expectativas de cada participante e estabelecer algumas regras de convivência.

Material: Folhas grandes de papel; fita adesiva; canetas de ponta grossa.

Tempo: 1h 30 minutos

Procedimento

1. Peça que os participantes fiquem de pé e façam um círculo.
2. Explique que vai ser feito um jogo onde cada pessoa vai simular que joga para a outra uma palavra sobre uma atitude ou um sentimento que os adultos têm em relação às crianças.
3. Uma pessoa começa jogando a palavra para uma outra dizendo para quem é e que palavra é. Imediatamente a pessoa que recebe deve fingir que pegou a palavra, gesticular como se a estivesse transformando em uma outra e enviá-la para outra pessoa sempre dizendo o nome de quem vai receber e a palavra que está recebendo.
4. O jogo prossegue até que todos tenham enviado e recebido sua palavra.
5. Solicite que todos se sentem, digam seu nome e o que esperam desta capacitação.
6. Escreva no quadro quais as expectativas que o grupo tem, discuta-as apontando quais serão atendidas e apresente a proposta da capacitação, seus objetivos, duração, horários etc.
7. Em seguida, peça aos participantes que façam grupos de até cinco pessoas e que elejam um relator.
8. Distribua duas folhas e solicite que em uma delas se escreva: **ADORAMOS**. Na outra folha, peça que escrevam: **ODIAMOS**.
9. Explique que cada grupo deverá discutir primeiramente quais as coisas que mais gosta quando trabalha em grupo. O relator deve ir escrevendo, na folha do **ADORAMOS**, em forma de palavras-chave, o que as pessoas falarem.
10. Conforme os grupos forem terminando, peça que façam a mesma coisa em relação às coisas que odeiam no trabalho em grupo.
11. Quando todos terminarem, fixe uma folha de papel grande na parede com a palavra **ADORAMOS** e peça que cada relator leia as conclusões de seu grupo. Anote as palavras-chave sem repeti-las.
12. Quando todos os grupos tiverem suas conclusões anotadas, leia todas as palavras em voz alta e sugira que, em conjunto, se faça uma frase sobre porque é bom se trabalhar em grupo. Anote a frase em uma outra folha.
13. Em seguida, na folha do **ODIAMOS**, utilize a mesma dinâmica em relação aos pontos levantados, mas, em vez da frase final, faça, em conjunto com os participantes, uma lista com as regras necessárias para que a convivência entre o grupo seja agradável e respeitosa.
14. Deixe na parede a frase sobre por que é bom se trabalhar em grupo e o contrato de convivência.



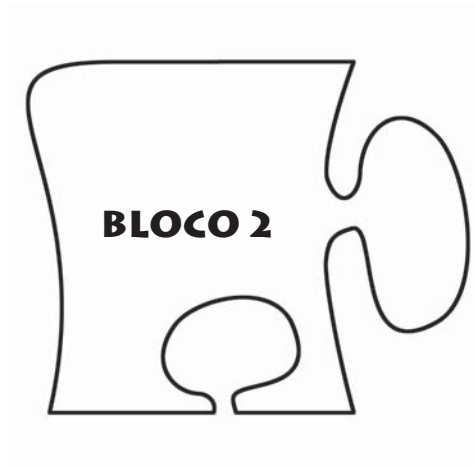


Perguntas para discussão:

- O que é um grupo?
- Na opinião de vocês é melhor se trabalhar sozinho ou em grupo? Por que?
- É importante se estabelecer um contrato de convivência ao se iniciar um grupo de trabalho? Por quê?
- Quais os outros grupos que fazem parte da nossa vida? Que contratos de convivência nós temos com eles? Este contrato foi discutido ou se supõe que exista?

Encerramento

- Lembre aos participantes que um grupo é formado por um conjunto de pessoas com características próprias, interagindo e se integrando e em constante transformação. Enfatize que, para um grupo funcionar bem, é preciso que as pessoas respeitem as opiniões umas das outras e que, mesmo discordando, devem ouvir até o final antes de argumentarem contra. É importante evitar atitudes agressivas ou irônicas.
- É preciso ter sempre em mente que trabalhar em grupo é uma oportunidade de aprendizagem, uma possibilidade de trocar experiências e aprimorar a relação com pessoas diferentes, uma chance de lidar com os conflitos e aprender a resolvê-los.
- Estabelecer um contrato logo de início é importante para se garantir alguns princípios fundamentais para uma convivência que seja ao mesmo tempo respeitosa, democrática e prazerosa.



INFORMANDO SOBRE...



2.1 DIREITOS

TÉCNICA 1:

Direitos e Responsabilidades da Criança e do Adolescente⁷

Ficha: esta técnica situa os participantes sobre as leis que existem em nosso país para crianças e adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente é o documento que dá a base para toda a capacitação.

Objetivo: Conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente e perceber que o exercício dos direitos implica no cumprimento de responsabilidades.

Material: Papel, lápis, cópia do artigo 4 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (*folha de apoio 1*), folhas de papel grande, canetas de ponta grossa e cartolinas.

Tempo: 60 minutos.

Procedimento

1. Peça que os participantes se reúnam em grupos de, no máximo, seis pessoas.
2. Distribua para cada grupo cópias do artigo 4 do ECA que trata dos direitos referentes à vida.
3. Solicite que cada grupo analise o texto recebido, escolhendo um direito (educação, saúde, lazer, família, profissionalização etc.) e elaborando um cartaz com a relação das responsabilidades correspondentes ao direito em questão: Exemplo: Toda criança tem direito a educação. Toda a criança tem a responsabilidade de assistir as aulas e estudar para ter boas notas etc.
4. Peça que cada grupo apresente seu cartaz e que todos opinem sobre o que foi apresentado, procurando identificar novos deveres.

Pontos para discussão

- Vocês acham importante conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente? Por quê?
- A partir do que foi apresentado pelos grupos, você acha que seus filhos e filhas estão tendo seus direitos respeitados em sua comunidade e em seu município?
- Quais das responsabilidades apresentadas estão sendo cumpridas pelos seus filhos e suas filhas?
- Enquanto cidadão ou cidadã, o que você poderia fazer para ter os direitos dos seus filhos garantidos?
- Enquanto pai ou mãe, o que você poderia fazer para que seus filhos conhecessem seus direitos e suas responsabilidades?

7 - Técnica adaptada de Serrão, M e Balleiro, M.C., Aprendendo a Ser e a Conviver. São Paulo: FTD, 1999.



Encerramento⁸

- O Brasil destaca-se entre os demais países do mundo por ter uma das leis mais avançadas na defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes: o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Com essa lei, a criança e o adolescente passam a ser vistos como pessoas que devem ser respeitadas por terem condição peculiar de desenvolvimento e que devem receber cuidados com prioridade absoluta. Deve-se garantir que essa lei seja aplicada em todas as regiões do País para todas as crianças e adolescentes, seja qual for sua condição social, econômica, cultural, étnica ou racial.
- O ECA foi criado pela Lei 8.069/90, através de amplo processo de debate e mobilização popular, assegurando a cidadania e atenção a todas as crianças e adolescentes.
- Para fazer valer o ECA, é necessário que sejam criadas políticas públicas que garantam às crianças e adolescentes seus direitos à uma vida saudável, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.
- As políticas públicas têm a sua origem em alguma demanda (necessidade) apresentada pelos atores políticos ou sociais, direta ou indiretamente interessados.
- As políticas sociais podem ser definidas como um tipo de política pública ou programas de ação, regidos e amparados por lei, fruto de um esforço coletivo e resultado de um confronto de diversos interesses, que intencionam atender as necessidades sociais.
- Essas políticas pressupõem a participação de todos, onde Estado e sociedade civil organizada são co-responsáveis pelo planejamento, execução e acompanhamento das ações. É possível participar de fóruns e instâncias que discutem as políticas públicas⁹, contribuindo para que sejam incorporadas as necessidades locais da população. Os cidadãos precisam participar mais da implementação de políticas públicas e podem atuar de diversas maneiras. Uma delas é fortalecendo o sistema de garantia de direitos das crianças e adolescentes, como por exemplo, acompanhando e cobrando dos Conselhos Municipais, Estaduais, Nacionais e Tutelares, além dos órgãos públicos uma prestação de contas dos recursos investidos. Isso acaba fazendo com que esses órgãos se organizem cada vez mais para mostrar o impacto de suas ações.
- Aos poucos, as ações cotidianas e individuais, podem ser fortalecidas coletivamente, levando a transformações que atendam as necessidades das famílias, crianças e adolescentes.
- Cabe a todos nós a defesa dos direitos fundamentais das crianças e jovens. O instrumento legal já foi conquistado, embora ainda seja timidamente utilizado. É possível conquistar progressivamente uma sociedade melhor e mais justa, com a participação de todos.
- Atores sociais são aqueles que têm alguma coisa em jogo no tocante a uma questão e que possuem algum tipo de recurso e poder, ou seja, atores sociais são os que podem vir a ganhar ou perder. Podem ser afetados pelas decisões e ações, mas também são capazes de afetar as decisões públicas. Têm capacidade de ação organizada ou simplesmente reagem através do voto. Eles estão nas comunidades; igrejas; fundações que fazem atuação social e fiscalização social; grupos que têm convênios com a organização pública e privada; tribunais de conta; instituições comunitárias; ONGs ligadas à cidadania, às questões ambientais, às que tem vínculos com os direitos humanos, com crianças, adolescentes e jovens, mulher, etnias...
- As políticas públicas se destinam a solucionar problemas coletivos, que são as demandas

8 - Santos, Mauro R. S. Políticas sociais: instrumentos para exigibilidade de direitos. p. 71 a 74. In *Políticas Públicas e Gestão Local: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais*. Orgs Orlando Alves dos Santos et al. RJ, Fase, 2003.

9 - *Tem-se o Fórum de Direitos da Criança e do Adolescente, os Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.*



incluídas na agenda governamental.

- As políticas públicas estão pautadas pela Constituição Federal de 1988 como um mecanismo direto da sociedade para lutar pela sua cidadania e também de tomar parte nas decisões do governo. Isso se dá no espaço chamado da organização social. A Constituição Federal teve vários de seus artigos regulamentados baseados no paradigma da cidadania e da proteção integral. Cita-se como exemplos as leis do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), a lei do SUS (Sistema Único de Saúde), a LOAS (Lei orgânica de Assistência Social) e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).
- É importante enfatizar que as políticas públicas são responsabilidade do Estado e devem ser universais (qualquer cidadão tem direito), pois advém de recursos públicos, não havendo necessidade de contrapartida (pagamento). O Estado arrecada impostos para financiar as políticas públicas, as quais resultam na produção ou distribuição de bens e serviços coletivos. Já a iniciativa privada, como empresas socialmente responsáveis, organizações não governamentais e outras instituições têm importante papel na definição e desenvolvimento de ações que podem ser incorporadas pelas políticas públicas, desde que mantenham o interesse público nas suas propostas, ampliando a população beneficiada.



Folha de Apoio 01

DIREITOS

RESPONSABILIDADES

Art. 4º

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes: à **vida**, à **saúde**, à **alimentação**, à **educação**, ao **esporte**, ao **lazer**, à **profissionalização**, à **cultura**, à **dignidade**, ao **respeito**, à **liberdade** e à convivência familiar e comunitária.





TÉCNICA 2:

Pessoas e Coisas¹⁰

Ficha: Esta atividade permite a discussão sobre a construção do preconceito, bem como sobre os sentimentos das pessoas que sofrem algum tipo de discriminação e o como isso afeta suas vidas.

Objetivos: Facilitar o reconhecimento de relações de poder e desigualdade que existem em nossa sociedade, identificando os códigos de comunicação que são utilizados nessas relações com ênfase nas questões étnicas.

Tempo: 60 minutos

Procedimento

1. Divida o grupo em dois com uma linha imaginária. Cada lado deve ter um número igual de participantes.
2. Informe que o nome da atividade é: *Coisas e Pessoas*. Escolha, aleatoriamente, um grupo para ser as “coisas” e o outro, as “pessoas”.
3. Leia as regras para cada grupo:
 - 3.1. **COISAS:** *As coisas não podem pensar, não sentem, não podem tomar decisões, têm que fazer aquilo que as pessoas lhes ordenam sem questionar. Se uma coisa quer se mover ou fazer qualquer coisa, tem que pedir permissão à pessoa.*
 - 3.2. **PESSOAS:** *As pessoas pensam, podem tomar decisões, têm sexualidade, sentem e, além disso, podem pegar as “coisas” e fazerem o que quiserem com elas.*
4. Peça para o grupo das “pessoas” pegar “coisas” e fazer com elas o que quiserem durante 5 minutos.
5. Ao final do tempo estipulado, solicite aos grupos que regressem aos seus lugares.

Perguntas para discussão

- Para os que fizeram papel de “coisa”: Como sua “pessoa” tratou você? O que sentiram? Por quê?
- Para os que fizeram papel de “pessoa”: Como foi possuir uma “coisa”? O que sentiram? Por quê?
- Qual a relação que esse exercício tem com nossa vida?
- Existem pessoas em nosso país que são tratadas como coisas? Quais?
- Uma criança costuma ser tratada como “coisa”? Em que momentos?
- Em que momento de nossa história, homens e mulheres foram tratados como mercadoria? A que etnia pertenciam essas pessoas?
- Vocês acham que ainda hoje existe preconceito contra os afro-descendentes em nosso país? Exemplifiquem.

10 - Esta técnica foi reproduzida e adaptada da publicação Guia para capacitadores y capacitadoras en Salud Reproductiva. New York: IPPF, 1998.



- Que impactos vocês acham que esse tratamento pode ter na vida de crianças e adultos que sofrem esse tipo de discriminação?
- O que poderíamos fazer para mudar essa situação?

Encerramento

- Explique que, por racismo, entendemos qualquer comportamento discriminatório em função da etnia. Assim, uma pessoa é racista quando acredita que certas características como a cor da pele ou o lugar onde se nasce, fazem com que existam duas classes de pessoas: as superiores e as inferiores. E, geralmente, são essas pessoas, que se acham superiores, que se sentem no direito de ofender, fazer piada, colocar apelidos ou até mesmo impedir que uma pessoa entre em um edifício ou em uma loja por causa de sua cor ou de sua etnia.
- Enfatize que, por mais incrível que possa parecer, o nosso país, onde uma grande parte da população é composta por afro-descendentes, ainda é muito racista. O racismo é considerado um crime e, por isso, situações de discriminação devem ser notificadas.
- Atente para o modo como jornais, revistas, livros, programas de televisão, músicas, propaganda etc, tratam brancos e negros de forma desigual.
- Pesquisas no Brasil e em outros países vêm demonstrando que o racismo e o sexismo são fatores determinantes na construção da baixa auto-estima de crianças. E essa baixa auto-estima traz vários impactos em seu desenvolvimento pessoal: dificuldade de exigir seus direitos; menor cuidado com seu corpo; maior exposição a situações de vulnerabilidade, dentre outros.
- Enfatize que todos nós devemos nos esforçar para identificar esses preconceitos em nosso cotidiano. Um ambiente livre dessas situações ajuda a construir uma sociedade mais justa.
- Informe que, de 30 de agosto a 7 de setembro de 2001, realizou-se em Durban, África do Sul, a Conferência Mundial contra o Racismo, patrocinada pela Organização das Nações Unidas. Uma das recomendações proposta nesse evento é que todos os países se opusessem às mais variadas formas de racismo, inclusive tomando medidas efetivas para evitar e coibir o surgimento de movimentos baseados no racismo e em idéias discriminatórias.



2.2 FAMÍLIAS E NECESSIDADES DAS CRIANÇAS

TÉCNICA 3:

Minha Família é assim...¹¹

Ficha: esta técnica facilita a discussão sobre os diferentes tipos de família existentes no Brasil, valorizando-as no que tem de positivo.

Objetivo: Conhecer as diferentes formas de organizações familiares existentes e os preconceitos que existem em relação aos tipos de famílias que fogem do modelo considerado ideal.

Materiais: uma folha de papel e lápis para cada participante; lápis de cor ou canetas hidrográficas coloridas, cópias do texto *O que é família?* para todos.

Tempo: 60 minutos

Procedimento

1. Escreva no quadro a palavra *família* e peça que os participantes digam tudo o que vem na cabeça deles quando se fala esta palavra. Escreva as palavras que forem faladas e informe que aquelas palavras vão ficar no quadro e que, um pouco mais tarde, se voltará a elas.
2. Distribua uma folha de papel, lápis preto e lápis de cor para cada participante.
3. Solicite que desenhem naquela folha de papel todas as pessoas que fazem parte da sua família, inclusive ele mesmo, como se fosse uma fotografia para colocar em um porta-retratos.
4. Quando todos terminarem o seu desenho, convide as pessoas que quiserem ir à frente para apresentar sua família para as outras. Quando a primeira pessoa terminar, peça que ela continue na frente e que uma outra, que tenha uma família diferente daquela apresentada, venha apresentar a sua. Faça isso até que todas as pessoas que quiserem tenham apresentado suas famílias.

Perguntas para discussão

- O que é uma família?
- Qual é a função da família em nossa sociedade?
- Todas as famílias são iguais? Todas as famílias precisam ser iguais?
- Como uma família deve ser para a gente achar que é uma boa família?
- O que acontece em uma família que faz com que a gente ache que aquela família não é boa?
- Qual a importância da família para as crianças? Essa importância muda dependendo da idade?

11 - Adaptado da publicação *Boletim Transa Legal para Famílias*, ECOS 1999.



Encerramento¹²

- A família é um conjunto de pessoas de idades e sexos diferentes, que se relacionam numa constante troca de relações afetivas. Nas relações entre os parceiros e entre os pais e filhos podem existir situações de solidariedade, de conflito, de carinho, de raiva etc.
- Um grupo familiar tanto pode ser composto por vários parentes como pode ser composto por um só dos cônjuges com seus filhos e filhas.
- Uma das funções mais importantes da família é a socialização. É na vida cotidiana familiar que os filhos vão recebendo os primeiros ensinamentos e vão internalizando os valores dos demais membros. É por isso que se diz que a família reproduz os valores culturais, porque os ensinamentos são transmitidos de uma geração para outra.
- Dentro de uma família, é importante que todos os membros tenham espaço para manifestar seus sentimentos e opiniões.
- Em uma família, regras de tolerância mútua também podem e devem ser estabelecidas. Para isso, pode ser suficiente uma conversa em família. Se isso não for possível, pode-se pedir ajuda a uma terceira pessoa.

O QUE É FAMÍLIA ?

Família é um grupo de pessoas com vínculos afetivos de consangüinidade ou de convivência. A família é o primeiro núcleo de socialização dos indivíduos. É por meio dela, que os valores e costumes que irão formar a personalidade e a bagagem emocional das pessoas são transmitidos.

A família é, também, uma estrutura que se modifica segundo contextos sociais, culturais e históricos. Chama-se família nuclear àquela que é formada por um homem, uma mulher e seus filhos. Já a família estendida é composta por várias pessoas que possuem, geralmente, laços de parentesco: avós, avôs, tios, tias, primos, primas etc.

Nos dias de hoje, existem vários tipos de família: as famílias formadas apenas pela mãe ou pelo pai; as de pais separados que se uniram com outras pessoas; as de casais do mesmo sexo; as nucleares, compostas por pai, mãe e filhos; as estendidas, ou seja, formadas por pai, mãe, filhos mais avós ou tios ou primos etc.

A mudança na forma como as famílias vêm se estruturando, pode trazer novas expectativas e dificuldades. No entanto, qualquer família que propicia aos seus membros um espaço de afeto e segurança, pode ser considerada uma boa família.

Entretanto, quando existe violência na família, independente da forma como ela está estruturada, a paz, a saúde, a segurança, a harmonia, a alegria e a dignidade das pessoas ficam ameaçadas. A violência dentro da família pode trazer graves danos à saúde física e mental, e pode representar um obstáculo ao desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Fontes: Adaptado de Direitos Humanos e Violência Intrafamiliar (Ministério da Saúde e Ministério da Justiça); Violência Intrafamiliar – Orientações para a Prática em Serviço (Ministério da Saúde).

¹² - Adaptado da publicação *Violência Intrafamiliar*, Ministério da Saúde, 2002.



TÉCNICA 4:

Gráfico de Família¹³

Ficha: este exercício possibilita visualizar as necessidades de atenção com as crianças que a grande maioria das pessoas sabem que são importantes mas que, muitas vezes, acabam deixando de lado por outras consideradas mais prioritárias.

Objetivos: Refletir sobre as relações que existem dentro da família, as diferenças socialmente atribuídas aos gêneros e sua importância para o desenvolvimento das crianças.

Materiais: Folhas de papel comum, lápis de cor ou canetas hidrográficas, gráfico (*folha de apoio 2*) e texto *Família, Comunidade e Desenvolvimento Infantil* para todos.

Tempo: 60 minutos.

Procedimento

1. Distribua as folhas de papel e peça que a numerem de 1 a 10 na direção vertical. Solicite que, individualmente, pensem na última semana que tiveram.
2. Informe que lerá uma série de atitudes que as pessoas têm e peça que cada participante atribua um número de acordo com a quantidade de vezes que fez, no último mês, alguma dessas coisas enquanto estava com seus filhos de zero a 12 anos. A gradação vai do número zero (quando não fez nenhuma vez) ao número 10 (quando fez várias vezes).
 - Brincou com as crianças?
 - Ficou preocupada se as crianças estão comendo alimentos saudáveis?
 - Leu uma história para uma criança pequena?
 - Ouviu ou cantou uma música junto com o seu filho ou filha?
 - Na hora de tomar uma decisão perguntou o que o seu filho ou filha achava?
 - Conversou com seu filho ou filha sobre os horários adequados para assistir televisão?
 - Perguntou sobre a lição da escola ou a fez junto com seu filho ou filha?
 - Pensou em ir ou foi a uma reunião da creche ou escola de seus filhos?
 - Beijou e abraçou seus filhos e filhas?
 - Escutou com atenção o que seu filho ou filha queria lhe dizer?
3. Distribua a folha de apoio e, no quadro, junto com os participantes, explique como construir seu gráfico de família a partir do valor que foi atribuído a cada uma das perguntas que foram feitas.
4. Quando todos tiverem feito seus gráficos, peça que se reúnam em grupos e compartilhem os resultados de seus gráficos. Solicite, depois, que comparem as respostas dadas pelos homens e pelas mulheres, refletindo sobre as conclusões que podem ser tiradas deste exercício.

13 - Adaptado da publicação Haz que se cumplan tus derechos. Scouts de España y UNICEF



Pontos para discussão

- O que é ser mãe?
- O que é ser pai?
- O que um pai e uma mãe precisam saber e fazer para garantir um bom desenvolvimento para seus filhos e filhas?
- Quais são as responsabilidades de um pai?
- Quais são as responsabilidades de uma mãe?
- É diferente criar/educar um menino ou uma menina? Por quê?

Encerramento¹⁴

- Segundo documentos do UNICEF, competências familiares são os conhecimentos, as atitudes e os comportamentos das famílias que contribuem para a sobrevivência, o desenvolvimento, a proteção e a participação das crianças.
- Cabe à família garantir que as crianças recebam uma alimentação saudável; cuidar e proteger as crianças; interagir com a criança por meio da fala, da música e da leitura para estimular a linguagem, a comunicação de idéias e prepará-la para o aprendizado da leitura.
- Apesar da diversidade dos modelos familiares que encontramos na sociedade de hoje, ainda existem muitas diferenças em relação ao papel desempenhado por homens e mulheres dentro de uma família. Tanto um homem quanto uma mulher são igualmente responsáveis e competentes para cuidar dos filhos e das filhas.

14 - Girade, H. *Competências Fundamentais para Famílias e Comunidades em Desenvolvimento Infantil*, apresentação no Encontro Compartilhando Olhares e Experiências em Pesquisa e Ação para Famílias e Comunidades, Rio de Janeiro, 3 de junho de 2003.



**Folha de Apoio 2****Gráfico de Família**

10																			
9																			
8																			
7																			
6																			
5																			
4																			
3																			
2																			
1																			
0	1		2		3		4		5		6		7		8		9		10

Número da Pergunta



FAMÍLIA, COMUNIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Os especialistas costumam dizer que o desenvolvimento da uma criança acontece em três planos: o biológico/físico, o psicológico/afetivo e o social. Isso significa que além do alimento e dos cuidados com a saúde, é igualmente importante que ela se sinta amada, protegida e vivendo em um ambiente acolhedor. Também, para seu desenvolvimento, são igualmente importantes o lugar e as pessoas com quem a criança se relaciona. O primeiro contato, e o mais forte, que a criança tem é com sua família. Independente da forma como ela está organizada, através da família são transmitidos valores, usos e costumes de uma determinada sociedade para as crianças. É no dia a dia que os filhos e as filhas vão recebendo os primeiros ensinamentos e vão internalizando os valores da sociedade, ou seja, como uma pessoa deve ou não deve se comportar. Enfim, a família transmite, de uma geração para outra, quais são os valores culturais de uma determinada sociedade.

Mas, apesar de sabermos que a família é a instituição mais forte e presente na vida de uma criança, existem outras pessoas e instituições que também influenciam o seu desenvolvimento: os amigos, a escola, os meios de comunicação etc. Por meio desses contatos, a criança adquire novos conhecimentos e incorpora novas regras. Enfim, ela começa a fazer parte de uma comunidade, exercitando formas de expressar emoção e afeto.

Fonte: Adaptado de *Manual de Prevención del Abuso Sexual*.
Save de Children, 2001.





TÉCNICA 5:

Colagem: as necessidades das crianças de 0 a 6 anos

Ficha: esta atividade permite conhecer as necessidades que as crianças de 0 a 6 anos têm em termos físicos, afetivos e sociais.

Objetivo: Refletir sobre quais são as características e as necessidades das crianças em diferentes faixas etárias (zero a 6 anos), a partir da experiência dos participantes e da visão de especialistas da área.

Materiais: seis cartolinas, revistas velhas, tubos de cola, lápis de cor, barbante, sucata e cópias do texto “*As 10 coisas que as crianças precisam*” para todos.

Tempo: 2 horas

Procedimento

1. Inicie a técnica perguntando aos participantes sobre o que eles querem para seus filhos e filhas de 0 a 6 anos, escrevendo no quadro em forma de palavras-chave.
2. Comente que a infância é uma idade muito importante para a formação de uma pessoa e que se os pais, mães e professores conhecerem as características e necessidades das crianças em suas diferentes fases, fica mais fácil entender alguns comportamentos infantis, reforçar as atitudes positivas e dar limites quando necessário.
3. Informe que a proposta é fazer uma atividade em grupo para aprofundar a discussão sobre as características e necessidades das crianças dessa faixa etária.
4. Solicite que formem 4 grupos mistos e distribua uma folha de cartolina para cada grupo.
5. Peça que o grupo 1 faça uma colagem sobre quais são as características e as necessidades de uma menina que tenha entre 0 a 3 anos. O grupo 2 deve fazer a mesma coisa em relação a um menino que tenha uma idade entre 0 e 3 anos.
6. Os outros dois grupos deverão fazer uma colagem pensando nas características e nas necessidades de um menino que tenha uma idade entre 4 a 6 anos (grupo 3) e de uma menina que tenha entre 4 e 6 anos (grupo 4).
7. Solicite que coloquem na colagem tudo o que vier à cabeça, sem censura. Eles poderão se basear na experiência que têm ou tiveram com seus filhos; irmãos e irmãs; alunos etc.
8. Quando terminarem, solicite que cada grupo apresente sua colagem e vá escrevendo no quadro as características e necessidades que os grupos levantaram por meio de palavras-chave. Divida de acordo com as faixas etárias e os sexos contemplados pelos grupos.
9. Distribua o texto “*As 10 coisas que eu preciso para crescer*”, que trata das necessidades de uma criança de zero a seis anos. Leia com eles e discuta cada ponto para ver se concordam ou não.
10. A partir das apresentações, do texto e da discussão, faça uma sistematização dos resultados e coloque-as em outras duas cartolinas, dividindo-as a partir do tipo de características e necessidades apontadas (exemplo: físicas, afetivas, sociais etc)



Perguntas para discussão

- Das necessidades apontadas, quais as mais fáceis para uma família suprir? E as mais difíceis?
- Se você conhecesse alguém que não está suprimindo alguma dessas necessidades como é que você falaria com ela sobre isso?
- Qual é a importância da creche e da educação infantil (pré-escola) na vida dessas crianças?
- Vocês costumam frequentar as reuniões da creche e/ou da escolinha que seus filhos estão?
- Na opinião de vocês, quais das necessidades que foram discutidas são contempladas na creche? E na educação infantil?
- Na opinião de vocês, quais não são garantidas na creche? E na educação infantil?
- Quem deve assegurar que as necessidades das crianças estejam sendo atendidas?
- Se uma creche ou uma escola de educação infantil não está suprimindo essas necessidades das crianças, o que caberia à família e à comunidade fazer?

Encerramento

- As atividades do dia a dia realizadas junto com as crianças de 0 a 6 anos são importantes para o aprendizado e a qualidade das relações familiares.
- Escutar as crianças e encorajá-las a participar das decisões que são relevantes para elas é importante para o desenvolvimento da autonomia.
- É aconselhável que a família ensine com firmeza o que é certo e o que é errado para uma criança, mas que não faça uso de violência nem física nem psicológica para isso.



AS 10 COISAS QUE EU PRECISO PARA CRESCER

1. Interação

Gaste uma parte do seu tempo me olhando e respondendo às minhas perguntas e olhares. Suas ações e respostas são muito importantes e especiais para mim.

2. Carinho

Me embale, me pegue, me dê milhões de abraços. Isso vai me manter calmo e confortável. Vai me dar, também, coragem para aprender novos movimentos.

3. Relacionamentos estáveis

Eu preciso de alguém especial que venha quando eu chame, que eu veja quando olho a minha volta. Desse jeito, eu saberei que posso ir adiante.

4. Segurança e Ambiente Saudável

Cubra as tomadas, bloqueie as escadas, mantenha tudo o que é perigoso longe de mim! Se o ambiente estiver seguro, eu terei lugares muito especiais para explorar e me sentir livre.

5. Auto Estima

Eu posso aprender a fazer um monte de coisas se você me incentivar, me aplaudir e me disser vá, vá, vá!

6. Cuidados

Quando você estiver longe, preciso estar com outras pessoas em quem você confie para cuidar de mim e me ensinar coisas novas e excitantes.

7. Comunicação

Eu ainda não sei falar como um adulto, mas não se engane, eu entendo muitas coisas. Nossas conversas são muito importantes para mim!

8. Brincar

Brincar é divertido, brincar é gostoso. Essa é a forma como eu aprendo um monte de coisas.

9. Música

1,2,3 ... cante para mim e faça sons ridículos. Cantar, dançar e escutar músicas são coisas muito divertidas que podemos fazer juntos.

10. Leitura

Leia para mim, me mostre livros com um monte de figuras lindas. Escreva as minhas histórias e eu adorarei lê-las para sempre.

Fonte: Adaptado de Brazelton, T., Greenspan, S. *The Irreducible Needs of Children*. Cambridge: Perseus Publishing, 2000.



TÉCNICA 6:

Dramatização: as necessidades das crianças de 7 a 11 anos

- Ficha:** esta atividade permite conhecer as necessidades que as crianças de 7 a 11 anos têm em termos físicos, afetivos e sociais.
- Objetivo:** Refletir sobre quais são as características e as necessidades das crianças em diferentes faixas etárias, a partir da experiência dos participantes e da visão de especialistas da área.
- Materiais:** seis roteiros com a descrição da situação que os grupos terão que dramatizar; bonés, presilhas, brinquedos diversos; texto *Necessidades Básicas e Comuns* para todos.
- Tempo:** 2 horas.

Procedimento

1. Inicie perguntando ao grupo sobre o que foi discutido no encontro passado e anote no quadro, em forma de palavras-chave, os pontos lembrados.
2. Solicite que formem 6 grupos e explique que cada grupo vai receber um roteiro com a descrição de uma situação a ser dramatizada por eles. As situações são:
 - Um menino de 8 anos na escola.
 - Uma menina de 8 anos na escola.
 - Um menino de 9 anos em sua casa.
 - Uma menina de 9 anos em sua casa.
 - Um menino de 11 anos na rua com seus amigos.
 - Uma menina de 11 anos na rua com suas amigas.
3. Cada grupo deverá fazer uma dramatização de 5 minutos a partir dessas informações. O tempo que terão para criar a história e ensaiar é de 30 minutos.
4. Conforme cada grupo for apresentando sua história, pergunte quais são as características daquelas crianças, suas necessidades e o papel da família ou da instituição na situação apresentada.
5. A partir das apresentações, do texto “*Necessidades Básicas e Comuns*” (folha de apoio 4) e da discussão, faça uma sistematização dos resultados e coloque-as em outras duas cartolinas.
6. Cole as duas cartolinas com as informações levantadas no exercício anterior (crianças de 0 a 6 anos) ao lado das elaboradas neste exercício e, junto com os participantes, compare e discuta quais são as diferenças entre as crianças de 0 a 6 e de 7 a 11.

Perguntas para discussão

- Quais as diferenças que vocês percebem entre uma criança de menos de 6 anos e uma outra que tenha entre 7 e 9 anos?
- Que necessidades elas têm nessa idade?
- O que os pais esperam delas?



- É o mesmo que eles esperam das crianças de 9 a 12 anos? Se não, quais são as diferenças?
- O que poderia ser melhorado em termos da educação das crianças? Como seria possível fazer isso?
- Quem deve assegurar que as necessidades das crianças sejam atendidas? (Estado, escola, pais, comunidade etc.)
- Na sua comunidade há espaços próprios para a criança brincar, correr, se divertir, jogar, com segurança?
- Qual é o papel da família? Como os pais e mães devem interagir com a escola? Em especial, qual é o papel da comunidade no desenvolvimento das crianças?
- Qual é o papel do Município e do Estado na garantia de que os direitos das crianças e adolescentes sejam respeitados?

Encerramento¹⁵

- Embora as crianças sejam diferentes entre si, algumas características são comuns à maioria delas. Assim, é importante que os adultos tenham uma boa noção do que se pode esperar de uma criança ou adolescente, pois as necessidades infantis variam de idade para idade.
- O desenvolvimento é um processo que passa por diferentes etapas. As crianças, à medida que crescem, vão desenvolvendo capacidades, sentimentos e também necessidades diferentes. E isso varia de uma criança para outra
- Para se desenvolver, as crianças precisam da ajuda de adultos que, conscientes de suas necessidades, as protejam e respeitem, as levem a sério, as amem e as ajudem a orientar-se.

Necessidades Básicas e Comuns¹⁶

Necessidades físico-biológicas	Necessidades cognitivas	Necessidades emocionais e sociais
<ul style="list-style-type: none"> • Alimentação suficiente, variada, adequada à idade. • Roupas na medida certa para não deixar passar frio ou calor. • Higiene do corpo e da casa. • Sono suficiente conforme a idade. • Atividade física de acordo com suas capacidades: brincar-deiras, jogos, passeios, exercícios etc. • Integridade física garantida por meio da proteção efetiva contra riscos reais em casa e na comunidade. • Saúde assegurada por meio de exames periódicos e vacinações 	<ul style="list-style-type: none"> • Estimulação dos sentidos (visão, audição, tato, olfato, etc). • Estimulação da linguagem oral/escrita (conversando, escrevendo, cantando). • Exploração física e social (descobrir o mundo em conjunto com adultos, crianças e/ou adolescentes). • Compreensão da realidade física e social (por meio de perguntas que pedem respostas corretas, através de explicações simples e claras, sem mentiras). 	<ul style="list-style-type: none"> • Segurança emocional por meio de um amor incondicional, que pode rejeitar alguns comportamentos das crianças, mas nunca elas mesmas enquanto pessoas. • Relações sociais através de companheirismo e amizade com outras crianças, assim como atividades de grupo e programas em conjunto com a família. • Participação e autonomia, podendo contribuir, seja em decisões que afetam a vida infanto-juvenil, seja em ações que beneficiem a si, a família ou a sociedade.

15 - Goicoechea, P. Educa, no Pegues – Guia para madres y padres. *Madri: Save the Children, 2001.*

16 - Adaptado de Azevedo, M, Guerra, V. Palmada Já Era. São Paulo: M.A.Azevedo: V.N. de A Guerra, 2002.



TÉCNICA 7:

A Árvore dos Gêneros

Ficha: esta atividade facilita a compreensão de que o masculino e o feminino são conceitos construídos socialmente e que variam de cultura para cultura.

Objetivo: Proporcionar uma reflexão sobre o conceito de gênero e discutir não só a forma como o masculino e o feminino são construídos por meio da socialização primária e secundária, mas também o papel das instituições na garantia da equidade e na diminuição da desigualdade entre os gêneros.

Materiais: Tiras de papel; canetas hidrográficas; fita adesiva; cartaz com desenho de uma árvore com raiz aparente, tronco e galhos, com aproximadamente 1,50m de altura, texto *Construindo uma Identidade* para todos.

Tempo: 60 minutos.

Procedimento

1. Cole o cartaz com a árvore na parede.
2. Divida os participantes em quatro grupos e peça que façam uma lista com todas as informações que são passadas para as crianças sobre ser menino e ser menina. Por exemplo: “menino não chora” e “menina tem que sentar de perna fechada”.
3. Distribua tiras de papel e peça que escrevam cada informação em uma tira. Quando terminarem, cada grupo deve fixar suas tiras na raiz da árvore. As relacionadas aos meninos do lado esquerdo e as referentes às meninas do lado direito.
4. Peça que reflitam sobre quem costuma dar essas informações para as crianças (família, escola, sociedade, religião e mídia) e depois que escrevam essas observações em novas tiras de papel e cole no tronco da árvore.
5. Proponha uma reflexão sobre os adultos, homens e mulheres, criada sob essas orientações: quais seriam suas características psicológicas, suas tendências profissionais, seu comportamento em relação à sexualidade e afetividade? Os resultados dessa reflexão deverão ser escritos em tiras que serão coladas na árvore como frutos.
6. Quando terminarem, leia de cima para baixo as respostas que foram dadas para meninos e meninas e pergunte aos participantes a que conclusões podem chegar observando esta árvore.

Perguntas para discussão

- O que é ser homem?
- O que é ser mulher?
- Quais são as mensagens que a família passa para uma menina sobre o fato dela ser mulher?
- Quais são as mensagens que a família passa para um menino sobre o fato dele ser homem?
- Quais as características das mulheres que são naturais? Quais as aprendidas?
- Quais as características dos homens que são naturais? Quais as aprendidas?





- Em nosso país, as mulheres e os homens têm os mesmos direitos? Esses direitos são respeitados?

Encerramento

- Em nossa cultura, muitas vezes, existem expectativas em relação à forma como homens e mulheres devem ser e se comportar. Por exemplo: garotas são mais fracas, mais dependentes, mais sensíveis, menos agressivas e os garotos são mais fortes, mais independentes, mais práticos, mais agressivos.
- Quando falamos em **sexo**, nos referimos às características físicas e biológicas de cada um, às diferenças entre um corpo de homem e de mulher, de menino e de menina. O sexo diz respeito ao atributo anatômico.
- Quando falamos em **gênero**, nos referimos às diferenças que foram construídas ao longo da história da humanidade por meio dos costumes, idéias, atitudes, crenças e regras criadas pela sociedade. O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais elaboradas a partir da diferença biológica dos sexos. No conceito de gênero, as noções de “masculino” e “feminino” são construções sociais.

CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE

Quando crianças, recebemos e elaboramos informações que vão definindo a nossa identidade sexual. Os primeiros contatos com o mundo masculino e feminino determinam os modos de ser homem ou mulher, tanto por mensagens verbais quanto pelas mensagens corporais. Observando as brincadeiras infantis, percebemos o quanto essa identidade sexual vai sendo incorporada pelas crianças.

São várias as instâncias que contribuem para o processo de identificação sexual:

- Quando nascem e até mais ou menos os dois anos, as crianças procuram imitar as pessoas que elas gostam mais, como o pai, a mãe, ou alguém que cuide delas com afeto;
- Entre os 3 – 5 anos, as crianças já se percebem como meninos ou meninas e reproduzem os modos de agir de seu pai ou sua mãe, recebendo recompensas por essas imitações, o que reforça ainda mais esses comportamentos;
- Conforme vão crescendo, as crianças vão sendo educadas para se comportarem mais de acordo com o que se espera das pessoas de cada sexo.

Assim, atitudes e comportamentos fora do padrão masculino ou feminino costumam ser desencorajados, embora exista hoje, uma tendência por normas de comportamento e valores mais flexíveis tanto para homens quanto para mulheres.

Fonte: Diferentes, mas não Desiguais *in* Sexualidade: Prazer em Conhecer, Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2001.



2.3 VIOLÊNCIA

TÉCNICA 8:

O que você faria se...¹⁷

Ficha: este exercício traz questões do dia a dia que acontecem em toda e qualquer família e facilita a discussão de outras alternativas para lidar com estes problemas.

Objetivo: Discutir alternativas para lidar com situações de conflito entre pais/mães e filhos/as que não perpassem o caminho da violência.

Materiais: aparelho de som e um CD de música animada, texto *Efeitos do Castigo Físico* para todos, cinco balões de ar com tiras de perguntas em seu interior.

Tempo: 90 minutos.

Sugestões de perguntas:

1. O que você faria se descobrisse que sua filha de 11 anos está saindo de casa depois que você dorme para se encontrar com suas amigas de mais de 14 anos? O que você faria se fosse chamada na escola e descobrisse que, apesar do seu filho de 8 anos sair todos os dias cedo dizendo que vai para a aula, há mais de uma semana ele não aparece na escola?
2. O que você faria se seu filho de 5 anos lhe chamasse de um palavrão muito feio quando seus desejos não são atendidos?
3. O que você faria se, ao chegar em casa depois de um dia estressante, encontrasse a casa na maior bagunça e seus filhos brigando de tapa?
4. O que você faria se um dia, tendo deixado sua filha de 12 anos cuidando dos irmãos menores, ao voltar para casa, encontrasse seus filhos na rua no meio de uma briga onde até tiroteio poderia acontecer?

Procedimento

1. Solicite que os participantes formem um único círculo. Depois de formado, informe que vai colocar uma música no aparelho de som e que vai passar, de mão em mão, um balão com uma pergunta dentro. Explique que esta pergunta diz respeito a como um pai ou uma mãe agiria se o seu filho ou filha fizesse algo como o relatado acima.
2. Explique que, quando a música parar, a pessoa que ficou com o balão na mão tem que estourá-lo, ler a pergunta e tentar responder. Só que tem uma regra: não vai valer nenhuma resposta que

17 - O Instituto PROMUNDO e o CIESPI produziram uma cartilha, em forma de fotonovela, utilizando as mesmas situações registradas nesta técnica. Esta publicação, chamada A Casa dos Três Filhos, encontra-se disponível nas 2 organizações e pode facilitar bastante uma discussão com famílias sobre limites e alternativas não violentas para lidar com os filhos em situações de tensão.





seja: tapas, beliscões, soco, puxão de cabelo ou qualquer outro castigo físico.

3. Se não souber, quem estiver à sua direita responde. As outras pessoas poderão ajudar quando necessário.
4. Depois de respondidas as questões, junto com os participantes, pergunte porque eles acham que a violência acontece dentro de casa. Escreva essas respostas no quadro em forma de palavras-chave.

Pontos para discussão

- É fácil dar limites para os filhos e filhas?
- Quando é necessário dar um limite a um filho ou uma filha?
- Quem necessita mais de limites, os meninos ou as meninas?
- Existe uma idade onde é necessário dar mais limite que em outra?
- Que alternativas os pais e mães têm para lidar com situações conflituosas em casa?
- Por que muitos adultos perdem o controle e acabam batendo nos seus filhos?
- Que sugestões poderíamos dar para as pessoas que batem em seus filhos em vez de conversar ou dar castigos que não machuquem?
- Que outras formas de violência existem que machucam mesmo não atingindo o corpo?

Encerramento¹⁸

- Cada família é um mundo e em nossa sociedade existem vários tipos diferentes dela. Independente da forma como ela está estruturada, o diálogo entre todos que a compõe é fundamental para o convívio.
- Dar limites significa definir claramente até onde cada criança pode e deve ir.
- Os limites devem ser claros, objetivos, justos e coerentes e precisam ser estabelecidos com as crianças de maneira firme e amorosa.
- Os adultos que dão os limites devem estar de acordo entre si. A criança não entende quando o pai permite uma coisa e a mãe, não.
- Dar limites não significa apenas proibir ou impedir. É também estabelecer regras básicas de convívio entre a família.
- Estabelecer um “contrato” com as pessoas da família é uma das condições necessárias para que todos se sintam integrados. Essa estratégia também faz com que a criança se sinta parte de um todo, fortalecendo assim sua segurança, sua autonomia e sua auto-estima.
- Todas as famílias convivem com problemas e conflitos. Mas é importante não usar a violência para resolver certas questões que poderiam ser resolvidas de uma outra forma.
- Não existe uma receita para garantir que o relacionamento na família seja sempre tranquilo e não violento. Porém, algumas sugestões podem ser seguidas:
 - *Identificar o problema real*: Descobrir exatamente o que está incomodando. É importante não misturar o problema em questão com outras coisas que aconteceram no passado, por exemplo.

¹⁸ - Adaptado da publicação *Protegendo nossas crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Saúde, s/d.



- Atacar o problema, não as pessoas: Falar claramente com as pessoas envolvidas no conflito sobre o que sentimos sem usar de ironia ou acusações.
 - Escutar: Prestar atenção no que as pessoas têm a dizer, tentando entender o outro ponto de vista.
 - Negociar: Por meio de argumentos, buscar uma solução que, de preferência, seja boa para ambos.
- É importante que os pais não se sintam na obrigação de serem perfeitos e darem conta de tudo. Nas situações em que se sentirem com dúvidas ou inseguros, a busca por ajuda, conversa e conselho pode facilitar a tomada de decisões.



EFEITOS DO CASTIGO FÍSICO

Nos meninos e nas meninas

- Diminui a auto-estima, gerando a sensação de que eles valem menos.
- Ensina a serem vítimas. Algumas pessoas acreditam que o sofrimento torna as pessoas mais fortes, que as prepara para a vida. Nos dias de hoje, sabemos que não só não faz as pessoas mais fortes, como também as converte em pessoas com dificuldades de sentirem-se capazes de resolver seus próprios problemas.
- Interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento de sua inteligência, de seus sentidos e de suas emoções.
- Gera sentimentos de solidão, tristeza e abandono.
- Faz com que eles observem a sociedade de uma forma negativa e as pessoas como seres ameaçadores, causando dificuldade de integração social.
- Cria um muro que impede a comunicação entre os pais e filhos e prejudica os vínculos emocionais que existem entre eles.
- Cultiva sentimentos de raiva e desejo de fugir de casa.
- Ensina que a violência é um modo adequado para resolver os problemas.
- Dificulta a cooperação com as figuras de autoridade.
- Deixa a criança mais exposta a vários acidentes.
- Em relação aos meninos, como são mais castigados fisicamente do que as meninas para se tornarem “homens” faz com que eles sejam mais agressivos e os deixa mais vulneráveis a utilizar drogas (incluindo o álcool) no futuro.
- Em relação às meninas, a tendência é internalizar sua dor que vai acabar se manifestando emocionalmente por meio de depressão, insegurança, culpa e submissão.

Nos pais e mães

- Produz ansiedade e culpa, inclusive nos pais que consideram esse tipo de castigo correto.
- O uso do castigo físico aumenta a probabilidade dos pais mostrarem comportamentos violentos em outras situações com maior frequência e intensidade.
- Impede sua comunicação com os filhos e dificulta as relações familiares no presente e no futuro.

Na sociedade

- A relação entre ter sido vítima de violência física na infância ou ter testemunhado este tipo de violência em sua família, faz com que exista a tendência de que seja reproduzida na fase adulta.
- Incentiva as novas gerações a usarem a violência como forma de resolver um conflito.
- Faz com que se acredite que existem dois grupos de cidadãos: as crianças e os adultos. Os adultos mandam e podem agredir; as crianças obedecem e apanham.
- Promove modelos familiares onde existem os que agredem e os que são agredidos. Nesses casos, os envolvidos têm dificuldade de entender a importância de uma relação de igualdade entre as pessoas, um dos pontos fundamentais da sociedade democrática.
- Dificulta a proteção à infância. Ao tolerar essa prática, a sociedade não se legitima como um espaço protetor para meninos e meninas.
- Torna os cidadãos submissos porque, em seus primeiros anos de vida, aprenderam que ser vítima é uma condição natural dos indivíduos que fazem parte daquela sociedade.

Fontes: Educa, no Pegues. Campaña para la sensibilización contra el castigo físico en la familia. Madrid: Save the Children, Comité Español de UNICEF, CEAPA y CONCAPA, 2002; Pesquisa Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva: um estudo sobre homens no Rio de Janeiro/Brasil. Instituto PROMUNDO e Instituto NOOS, 2003.



TÉCNICA 9:

Mantendo o Controle¹⁹

Ficha: Por meio desta técnica se pode refletir sobre formas de autocontrole.

Objetivo: Identificar situações onde se sente raiva das crianças e refletir sobre o que fazer para não perder o controle.

Materiais: Folhas de papel grande, canetas de ponta grossa, fita adesiva; folha de apoio 3 e texto *Tipos de Maus-Tratos contra as Crianças* para cada participante.

Tempo: 60 minutos.

Procedimento

1. Inicie lendo para os participantes o seguinte texto:

Muitas pessoas confundem raiva com violência, achando que é a mesma coisa. A raiva é uma emoção e, como toda emoção, é algo natural na vida do ser humano. Já a violência é uma forma de expressar a raiva, ou seja, é o comportamento que se tem para colocar a raiva para fora. Existem muitas outras formas de expressar a raiva – formas melhores e mais positivas – que a violência. Expressar nossa raiva quando a sentimos é algo positivo. Muito melhor do que deixá-la crescer porque assim corre-se o risco de acabarmos usando a violência.

2. Informe que o que se vai discutir nesse exercício são as formas positivas de se lidar com a raiva.
3. Entregue uma folha de apoio para cada participante e vá lendo devagar cada uma das perguntas dando um tempo de 2-3 minutos para que cada pessoa responda a questão perguntada.
4. Peça que formem grupos de 4 ou 5 participantes e que, durante 20 minutos, compartilhem e comentem as respostas que foram dadas.
5. Entregue duas folhas de papel grande para cada grupo e peça que, a partir das respostas das pessoas do grupo, reflitam sobre as formas possíveis de se lidar com a raiva, elaborando duas listas:
 - a) Formas negativas de como reagimos quando estamos com raiva
 - b) Formas positivas de como reagimos quando estamos com raiva
6. Dar aos grupos 15 minutos para fazer essas listas e depois peça que cada grupo apresente suas respostas aos demais.

Perguntas para discussão

- Em geral, como os adultos reagem quando estão com raiva porque as crianças fizeram algo errado?
- Em que situações os adultos usam algum tipo de violência contra as crianças?
- Quais seriam as situações, envolvendo crianças, que fazem com que os adultos percam o controle?

¹⁹ - Técnica adaptada do manual *Learning to Live without Violence: A Handbook for Men*, Volcano Press, 1989.



- Quais palavras são usadas pelos adultos quando estão com raiva das crianças? Na opinião de vocês, essas palavras agredem as crianças?
- O que os pais/mães e responsáveis podem fazer para lidar com a raiva nos momentos em que percebem que vão perder o controle e usar a violência?

Encerramento²⁰

- Quando falamos em violência contra a criança, geralmente, nos vêm à cabeça atos como dar uma surra, espancar, dar um tapa etc. Entretanto, existem outras formas de violência que praticamos na hora da raiva e nem percebemos como gritar, ameaçar, humilhar, dizer que não gosta mais dela, etc.
- Os problemas com as crianças existem e os conflitos podem gerar muita raiva. Por isso, precisamos aprender a lidar com essas situações sem maltratar as crianças.
- Na hora da raiva, o melhor a fazer é respirar profundamente, contar até 10, acalmar-se e aí sim, tomar uma atitude.
- Colocar as crianças de castigo, explicar para elas porque estão erradas, escutar o que elas têm a dizer, elogiar antes de punir e se colocar no lugar delas, são ainda as melhores formas de se educar uma criança.

20 - Adaptado da publicação Protegendo nossas crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Saúde, s/d.



Folha de Apoio 3

O que eu faço quando estou com raiva das crianças?

1. Pense em uma situação recente que o deixou com muita raiva de um dos seus filhos ou filhas. Escreva o que aconteceu. (uma ou duas frases).

2. Agora, pensando nessa situação, tente lembrar o que você estava pensando e sentindo. Escreva uma ou duas coisas que você sentiu quando estava com raiva:

3. Como foi que você demonstrou essa raiva? Qual foi o seu comportamento? (Escreva em uma frase ou algumas palavras como você reagiu, suas ações ou seu comportamento quando estava com raiva.)



TIPOS DE MAUS-TRATOS CONTRA AS CRIANÇAS

Maus-tratos físicos ⇒ Uso da força física de forma intencional ou de atos de omissão intencionais praticados por parte dos pais, mães ou responsáveis, com o objetivo de ferir, danificar ou destruir uma criança ou adolescente, deixando ou não marcas evidentes.

Maus-tratos psicológicos ⇒ Rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, utilização e crianças e adolescentes como objeto para atender às necessidades psicológicas de adultos. Cobranças e punições exageradas são formas de maus-tratos psicológicos, que podem trazer graves danos ao desenvolvimento psicológico, físico, sexual e social da criança e do adolescente.

Negligência ⇒ Ato de omissão do responsável em prover as necessidades básicas para o seu desenvolvimento da criança ou do adolescente.

Fonte: *Guia de orientação para professores. Maus-tratos contra crianças e adolescentes; proteção e prevenção, ABRAPIA*



TÉCNICA 10:

O Varal da Violência²¹

- Ficha:** Esta técnica consiste em rever as formas de violência que sofremos na vida e as que praticamos.
- Objetivo:** Identificar as formas de violência que praticamos ou que são cometidas contra nós.
- Materiais:** Barbante, pedaços de papel, prendedores de roupa e canetas de ponta grossa; texto *Tipos de Violência Intrafamiliar* para todos.
- Tempo:** 90 minutos.

Procedimento:

1. Explique que a proposta é falar sobre a violência dentro de casa, aquela praticada contra nós, e converse sobre os sentimentos gerados a partir dessa violência.
2. Informe que serão colocados quatro varais na sala e que todos os participantes deverão escrever algumas palavras nas folhas de papel e prendê-las no varal.
3. Distribua a cada participante quatro folhas de papel.
4. Coloque em cada varal uma folha de papel com os seguintes títulos:
 - a) Violência praticada contra mim dentro de casa
 - b) Violência que eu pratico dentro de casa
 - c) Como eu me sinto quando pratico alguma violência contra alguém da minha família
 - d) Como eu me sinto quando alguém da minha família pratica alguma violência contra mim
5. Peça a cada participante para pensar um pouco e escrever, em poucas palavras uma resposta para cada um dos varais no mínimo.
6. Aguarde 10 minutos para realizarem essa tarefa e informe que eles vão colocar cada uma das respostas no varal correspondente.
7. Peça que, um a um, coloquem cada uma de suas respostas no varal correspondente, lendo-as para o grupo. Eles poderão explicar o que acharem necessário e os outros participantes poderão fazer perguntas para entender melhor as respostas.

Perguntas para discussão

- Qual é o tipo de violência mais comum cometida dentro de uma família?
- Como se sente a pessoa que sofreu esse tipo de violência?
- Como sabemos se, de fato, cometemos violência contra alguém de nossa família?
- Como nos sentimos quando praticamos algum ato violento dentro de casa?
- Em uma família, existe alguma violência que seja pior do que outra?
- Geralmente, quando somos violentos ou quando sofremos violência em família nós falamos

²¹ - Adaptado do Caderno da Violência para a Convivência. São Paulo: Instituto PROMUNDO (coord.), 2002.



sobre isso? Denunciamos? Falamos sobre como nos sentimos? Se a resposta for não, peça para explicar o por quê?

- Leia a seguinte afirmativa: “Alguns pesquisadores dizem que a violência é como um ciclo, ou seja, quem é vítima de violência, muito provavelmente cometerá atos de violência depois”. Se isso está correto, como podemos interromper esse ciclo da violência?
- Como foi para vocês falar sobre violência?

Encerramento²²

- A **violência intrafamiliar** é toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família.
- Ela pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consangüinidade.
- A violência intrafamiliar geralmente é sustentada através das relações de subordinação e dominação entre, por exemplo, homem e mulher, pais e filhos. É um dos principais motivos para as crianças fugirem de casa e do convívio familiar.
- A **violência institucional** é resultante da falta de acesso aos serviços necessários que as vítimas de violência intrafamiliar têm direito. Pode se caracterizar também pela má qualidade ou inadequação do atendimento desses serviços, que representa mais uma agressão a pessoas que buscam assistência depois de serem agredidas. É muito importante que a população em geral tenha consciência desse tipo de agressão para diminuir a vulnerabilidade aos seus efeitos.
- **Negligência** é abandono, falta de cuidados, de atenção, de proteção, de interesse. O abandono parcial é a ausência temporária dos pais, expondo os filhos ou dependentes a situações de risco. O abandono total é o afastamento do grupo familiar, ficando a pessoa sem habitação, desamparada, exposta a várias formas de perigo.

22 - Adaptado das publicações: Direitos Humanos e Violência Intrafamiliar: Informações e orientações para Agentes Comunitários de Saúde (Ministério da Saúde/Ministério da Justiça) e Violência Intrafamiliar: Orientações Para a Prática em Serviço (Ministério da Saúde)



TIPOS DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR

Violência Física ⇒ Ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano a alguém utilizando força física, algum tipo de arma ou instrumento que possa causar lesões internas (hemorragias, fraturas etc), externas (cortes, hematomas, feridas etc) ou ambas. Mais recentemente, o castigo repetido, não-severo, também passou a ser considerado violência física. Essa violência pode causar conseqüências físicas ou psicológicas, deixando, ou não, marcas aparentes. Dependendo da gravidade, a agressão pode causar danos temporários, permanentes ou mesmo a morte.

Violência Psicológica ⇒ É toda ação ou omissão que causa dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui ameaças; humilhações; agressões; chantagem; cobranças de comportamento; discriminação; exploração; crítica pelo desempenho sexual e/ou ameaça de isolamento, afastando a pessoa do convívio social. A violência psicológica é mais difícil de ser identificada, apesar de ocorrer com bastante freqüência. Ela pode levar uma pessoa a se sentir desvalorizada, ansiosa e a ficar propensa a adoecer com facilidade. Em situações mais graves, a violência psicológica pode levar ao suicídio.

Negligência ⇒ É a omissão de responsabilidade de um ou mais membros da família em relação a outro, sobretudo com aqueles que precisam de ajuda por alguma condição específica, permanente ou temporária. É o caso de crianças, mulheres que estão no período do puerpério, pessoas portadoras de deficiência ou doenças graves, acidentados, entre outros. É negligência: deixar vacinas em atraso; não buscar atendimento médico; não fazer os tratamentos necessários por falta de interesse; perder documentos como certidão de nascimento, Cartão da Criança ou caderneta de vacinação; deixar crianças ou adolescentes fora da escola etc. É também considerada negligência quando uma pessoa testemunha alguém sofrendo violência e não busca ajuda imediata. A negligência pode causar atraso ou prejuízos no desenvolvimento pessoal ou profissional; ou mesmo graves problemas de saúde.

Violência Sexual ⇒ Faz parte da violência intrafamiliar, mas também pode ocorrer em outros locais e em diferentes tipos de relacionamentos, como no ambiente de trabalho ou na rua, por exemplo. A violência sexual é toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga outra à realização de práticas sexuais contra a vontade, por meio de força física, de influência psicológica (intimidação, aliciamento, sedução) ou do uso de armas ou drogas. Inclui diversas situações, tais como: fazer carícias não consentidas; olhar perturbador e insistente; dar cantadas obscenas; expor material pornográfico; utilizar práticas sexuais entre adultos e crianças; fazer sexo com menores de 14 anos – mesmo com consentimento (essa prática é considerada violência presumida porque até essa idade, entende-se que o jovem não tem maturidade para a tomada de decisões dessa natureza); impedir o uso de métodos anticoncepcionais por parte do companheiro, obrigando a mulher a engravidar contra a vontade, ou pelos pais, na tentativa de reprimir a sexualidade dos filhos adolescentes; não utilizar o preservativo (camisinha), expondo o parceiro ou parceira a doenças sexualmente transmissíveis; sexo forçado no casamento; forçar o parceiro ou a parceira a ter ou presenciar relações sexuais com outras pessoas; submeter outra pessoa à penetração oral, vaginal ou anal com pênis ou objetos (estupro); exigir favores sexuais como condição para dar benefícios ou manter privilégios de alguém; dar ou manter alguém no emprego; oferecer aumentos de salário ou promoção em troca de sexo (assédio sexual).

Fontes: Direitos Humanos e Violência Intrafamiliar: Informações e orientações para Agentes Comunitários de Saúde (Ministério da Saúde/Ministério da Justiça).



TÉCNICA 11:

Definindo o abuso sexual contra crianças²³

Ficha: Esta técnica permite conhecer as diferentes formas de abuso que podem ser cometidas tanto em relação às meninas quanto aos meninos.

Objetivo: Discutir sobre as diferentes formas de violência sexual contra crianças e formas de reduzi-la e preveni-la.

Materiais: Três cartões de cores diferentes (azul, amarelo e branco), texto *Tipos de Abuso Sexual contra Crianças* para todos.

Tempo: 60 minutos.

Procedimento

1. Antes de começar a atividade, escreva as seguintes frases no quadro:
 - É um abuso sexual
 - Não é um abuso sexual
 - Estou em dúvida
2. Distribua os cartões de cores distintas para cada participante e explique que você lerá uma série de casos, e que eles deverão decidir se a situação descrita é ou não abuso sexual.

CASOS

Caso 1: Joel é um menino de 10 anos. Um dia, ele estava tomando banho na sua casa com a porta do banheiro aberta e sua tia entrou. Ela abriu a cortina do box, pegou o sabonete e começou a ensaboá-lo, inclusive nos testículos e no pênis. É abuso sexual?

Caso 2: Amélia é uma menina de 5 anos que adora brincar com uma amiguinha na casa dela. Um dia, o pai da sua amiga chamou as duas para tirar fotos. Em algumas fotos, pedia para Amélia ficar sem roupa para fotografá-la “como veio ao mundo”. É abuso sexual?

Caso 3: Jacqueline, uma garota de 11 anos, estava voltando para sua casa da escola e percebeu que estava sendo seguida por um rapaz. Começou a andar mais depressa, mas o rapaz a alcançou e lhe mostrou o pênis. É abuso sexual?

Caso 4: Ricardo, um menino de 8 anos, faz curso de violão. Um dia, no meio da aula, seu professor pôs sua mão na perna do menino. É abuso sexual?

Caso 5: Apesar de ter apenas 13 anos, Ceci já tem seios fartos e formas de uma mulher de 18. Seu namorado tem 26 anos e sua família aceita o namoro. Os dois já vêm mantendo relações sexuais há algum tempo. É abuso sexual?

Caso 6: Marília tem 7 anos. Um dia, o telefone de sua casa tocou e ela atendeu. Do outro lado, tinha alguém que ficou lhe descrevendo um ato sexual com muitos detalhes. É abuso sexual?

23 - Adaptado do Caderno da Violência para a Convivência, Instituto PROMUNDO.



CASOS

Caso 7: O pai de João, um menino de 4 anos, estava em casa no fim de semana e enquanto a mãe foi fazer comprar no supermercado chamou o menino para ver um vídeo onde tinha cenas de sexo explícito. É abuso sexual?

Caso 8: Ana tem 11 anos e é muito pobre. Um dia, sua avó chegou em casa com um homem e falou à Ana que ela nunca mais ia passar fome porque aquele senhor prometeu ajudar a família se a menina tivesse relação sexual com ele. A partir desse dia, o homem vai 3 vezes por semana na casa de Ana e sempre deixa um bom dinheiro. É abuso sexual?

3. Explique que lerá cada um dos casos e, ao final da leitura, quem achar que é um caso de abuso sexual deverá levantar o cartão azul. Quem achar que não é, deverá levantar o cartão amarelo e quem tiver dúvida, o branco.
4. Quando houver divergências, duas pessoas serão convidadas a apresentar o seu ponto de vista e o grupo deverá votar em qual categoria o caso deve ser classificado.
5. Ao final, apresente as definições do que é considerado abuso sexual contra crianças em nosso país (texto abaixo).

Perguntas para discussão

- O que é abuso sexual?
- Quem é mais vítima de abuso sexual, os meninos ou as meninas? Por quê?
- O que um pai ou uma mãe costuma fazer quando descobre que a filha sofreu um abuso sexual?
- O que um pai ou uma mãe costuma fazer quando descobre que o filho sofreu um abuso sexual?
- Por que em muitas famílias, apesar das pessoas saberem que está ocorrendo uma situação de abuso sexual, ninguém faz nada?
- Que podemos fazer para prevenir o abuso sexual contra crianças?
- Quais os recursos que existem em sua comunidade ou em seu bairro para lidar com os casos de abuso sexual contra crianças?

Encerramento

- O abuso sexual é uma situação em que uma criança ou adolescente é usado para prazer sexual de um adulto ou adolescente mais velho. Ele se baseia em uma relação de poder e inclui desde manipulação dos órgãos genitais, seios, ânus, exploração sexual, a espiar uma criança nua e se exibir para ela, até o ato sexual com ou sem penetração.
- Na maioria dos casos, o “abusador” é uma pessoa que a criança conhece, confia e freqüentemente, ama. Pode ocorrer com uso da força e da violência.
- No caso de um homem maior de 18 anos ter relação sexual com uma menina de menos de 14 anos, isso no Brasil é considerado um crime de estupro.



TIPOS DE ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS

Abuso sexual sem contato físico

Abuso sexual verbal ⇒ Conversas abertas sobre atividades sexuais destinadas a despertar o interesse da criança ou do adolescente ou a chocá-los.

Telefonemas obscenos ⇒ A maioria é feita por adultos, especialmente do sexo masculino, podendo gerar ansiedade na criança, no adolescente e na família.

Exibicionismo ⇒ Geralmente, a intenção do exibicionista é chocar a criança. A experiência pode ser assustadora para ela.

Voyeurismo ⇒ O *voyeur* é uma pessoa que se satisfaz através somente da observação de atos ou órgãos sexuais de outras pessoas, estando normalmente em local onde não seja percebido pelos demais. A experiência pode perturbar e assustar a criança ou o adolescente. Hoje em dia, muitas dessas pessoas tem buscado fotos de crianças nuas na Internet, o que também é considerado um crime.

Outros ⇒ Mostrar para crianças fotos ou vídeos pornográficos. Fotografar crianças nuas ou em posições sedutoras com objetivos sexuais.

Abuso sexual com contato físico

Atos físicos-genitais ⇒ Incluem relações sexuais com penetração vaginal, tentativa de relações sexuais, carícias nos órgãos genitais, masturbação, sexo oral e penetração anal.

Pornografia e exploração sexual ⇒ Como forma de obtenção de lucro financeiro, crianças e adolescentes são utilizadas como atores ou atrizes ou modelos em vídeos, fotografias, gravações ou filmes, simulando ou executando atos sexuais com adultos, outras crianças e até animais. A exploração sexual é definida como a utilização ou a participação de crianças ou adolescentes em atos sexuais com adultos ou jovens, onde não necessariamente está presente a utilização da força física, mas pode estar presente outro tipo de força ou coação. O termo exploração sexual comercial envolve não apenas a venda do corpo de uma criança, mas também outras formas de violência sexual mediante pagamento.

Fonte: Abuso Sexual: Mitos e Realidade. ABRAPIA, 2002



TÉCNICA 12:

Estudo de caso: A história de Manuela

Ficha: Esta atividade aborda o tema do abuso sexual dentro de casa e as dificuldades que existem em nossa cultura de lidar com estas situações.

Objetivo: Dar aos participantes do grupo a oportunidade de discutir e se posicionar diante de um caso de violência sexual contra uma criança, bem como de refletir sobre a importância de notificar casos como este aos órgãos competentes.

Materiais: Cópia do estudo de caso *A história de Manuela (folha de apoio 4)*, lápis ou caneta; folhas em branco para as respostas.

Tempo: 90 minutos.

Procedimento

1. Forme subgrupos de até seis pessoas e peça que escolham um coordenador e um relator.
2. Solicite que os coordenadores venham até a frente e dê a eles as três partes do texto *A história de Manuela*.
3. Explique a todo o grupo como será o procedimento: inicialmente, eles deverão ler a primeira parte do texto e responder as perguntas ao final. Depois as questões da primeira parte serão discutidas no grupo todo.
4. Peça para o coordenador de cada subgrupo distribuir a primeira parte do texto para que todos leiam e respondam às questões ao final de cada página.
5. O relator deverá tomar nota destas respostas e lê-las para todo o grupo ao final de cada parte.
6. Quando terminarem a primeira parte da discussão, peça para os coordenadores distribuírem a segunda parte e fazerem o mesmo com a segunda e a terceira parte da história.
7. Ao final, abra o grupo em plenária e aprofunde a discussão.

Pontos para discussão

- O que leva uma pessoa adulta a abusar de uma criança?
- Quem é mais abusado sexualmente: as meninas ou os meninos? Por quem?
- Muitos especialistas afirmam que “existe um verdadeiro muro de silêncio no Brasil em relação aos casos de abuso sexual contra crianças”. O que eles querem dizer com isso?
- O que faz com que, por exemplo, uma mãe ou uma outra pessoa da família, não denuncie um caso de violência sexual contra uma criança que ela sabe que acontece dentro de sua casa?
- Que tipo de atendimento uma menina ou mulher, por lei, deve receber quando busca um serviço de saúde após ter passado por uma situação de estupro?
- Quais são os direitos de uma mulher quando tem uma gravidez resultante de um estupro?



- É possível prevenir o abuso sexual contra crianças? Como?
- Que recursos deveriam existir em sua comunidade, em seu bairro ou em sua cidade para apoiar uma criança e sua família em um caso como o relatado na história?

Encerramento²⁴

- O abuso sexual na infância ou na adolescência define-se como a participação de uma criança ou de um adolescente (de ambos os sexos) em atividades sexuais que são inapropriadas para a sua idade e seu desenvolvimento psicosssexual. A vítima é forçada fisicamente, coagida ou seduzida a participar da relação sem ter necessariamente a capacidade emocional ou conhecimento suficiente para consentir ou julgar o que está acontecendo.
- O abuso incestuoso consiste no abuso sexual envolvendo pais ou outro parente próximo, os quais se encontram em uma posição de maior poder em relação à vítima. Costuma ser mantido em sigilo pela família pelo alto grau de reprovação social, embora ocorra em diferentes grupos socioeconômicos, raciais ou religiosos. Condenado entre os tabus primordiais de nossa sociedade, o abuso incestuoso provoca na vítima uma forte carga de culpa.
- Qualquer espécie de abuso sexual, em que um adulto ou mesmo adolescente mais velho usa uma criança para seu prazer sexual, é considerada uma violência grave uma vez que pode trazer conseqüências muito sérias para o futuro desta criança. Tocar partes íntimas, se esfregar ou forçar a criança a praticar atos sexualizados também é considerado um abuso sexual.
- Uma das complicações mais graves para as meninas, adolescentes e mulheres é a gravidez resultante do estupro. Engravidar do pai ou de qualquer parente é uma situação muito difícil de ser enfrentada. Se uma menina, uma adolescente ou uma adulta sofrer um estupro tem o direito de ser atendida por um serviço de saúde, ser medicada contra as doenças sexualmente transmissíveis e ser orientada a fazer a contracepção de emergência. Caso engravide, o artigo 128 do Código Penal brasileiro permite que seja feita a interrupção legal da gravidez.

24 - Adaptado das publicações: Direitos Humanos e Violência Intrafamiliar: Informações e orientações para Agentes Comunitários de Saúde (Ministério da Saúde/Ministério da Justiça) e Violência Intrafamiliar: Orientações Para a Prática em Serviço (Ministério da Saúde).



Folha de Apoio 4

A HISTÓRIA DE MANUELA

Parte 1

Manuela é uma menina de 11 anos, que vive com sua mãe, seu tio e seus dois irmãos – Joaquim e Helena – em uma cidade do interior de Minas Gerais. Sua família não tem muitas posses, mas tanto Manuela quanto seus irmãos estão estudando e tem tudo aquilo que uma criança necessita para se desenvolver com saúde. Outro dia, Manuela pediu para a sua mãe que a deixasse ir com suas amigas passear na praça da cidade. A mãe de Manuela, Dolores, disse que não, que ela ainda era muito nova e que suas amigas tinham mais idade do que ela.

Ela ficou triste num canto e seu tio perguntou o que ela tinha. Ela contou e ele disse o seguinte:

“- Se você me der um beijo e um abraço, eu faço a sua mãe mudar de idéia.”

Manu queria muito sair com suas amigas e não achou nada de errado em fazer o que seu tio pediu já que a relação entre os dois sempre foi muito carinhosa e ele era mais presente na vida dela do que o próprio pai.

Mas, quando Manu foi dar um beijo nele, o tio se virou e a beijou na boca tentando enfiar sua língua na boca dela.

- *O que vocês acharam da atitude do tio de Manuela?*
- *O que Manuela poderia fazer nesta situação?*
- *O que vocês acham que Manuela fez?*

Parte 2

Manuela ficou assustada e com nojo daquele beijo, mas não fez nada.

Ele cumpriu a promessa e ela acabou saindo com suas amigas. Só que não conseguia se divertir.

Suas amigas perguntaram o que ela tinha e Manu não teve coragem de contar. Tinha medo do que as amigas poderiam pensar dela.

Pensou em contar para a sua mãe, mas não tinha coragem.

“Vai ver isso foi só uma vez e não vai acontecer de novo”, pensou a menina.

Infelizmente, ela estava enganada.

Alguns dias depois, o tio se aproximou dela novamente e tentou beijar-lhe a boca. Manuela disse que não queria, mas ele a segurou com força, passando a mão pelo seu corpo e enfiando a mão por dentro da sua calcinha. Disse que não conseguia se controlar quando via os seus seios que estavam começando a aparecer.

Manuela tentou gritar, mas a voz não saía. Ele só parou porque escutou o barulho da chave na porta.





A menina foi para a sua cama e chorou muito.

Quando sua mãe chegou, ela contou o que tinha acontecido....

- *O que vocês fariam se uma criança contasse para vocês que foi vítima de uma situação como essa?*
- *Que alternativas a mãe de Manuela tinha?*
- *O que vocês acham que a mãe fez?*

Parte 3

No princípio, a mãe não acreditou no que Manuela contou. Perguntou se ela não tinha sonhado com aquilo, se ela não estava fazendo isso de vingança por causa de alguma coisa que aconteceu.

Mas, quando viu as marcas vermelhas nos braços e pernas da menina, percebeu que era verdade.

Dolores ficou desesperada e não sabia o que fazer. Ficou se perguntando:

“Será que não tinha sido a menina que provocou o tio? Se ela mandasse o irmão embora da casa como é que ela iria pagar o aluguel e a comida para os filhos?”, pensou.

- *Que fim vocês dariam a esta história?*
- *Na opinião de vocês, a mãe de Manuela teria acreditado na menina se ela não tivesse marcas visíveis no corpo?*
- *Que recursos a sua comunidade tem para lidar com os casos de abuso sexual?*
- *Que recursos o seu município tem para atender as crianças e adolescentes que sofrem esse tipo de violência?*



TÉCNICA 13:

A violência a minha volta

Ficha: Esta técnica chama a atenção para situações de violência que acontecem todo dia mas que as pessoas não se dão conta.

Objetivo: Discutir de forma crítica a violência que vemos em nossa vida cotidiana, inclusive aquela que ocorre na rua, em nossas casas, na escola, no trabalho e na mídia.

Materiais: Papel e canetas

Tempo: 60 minutos.

Procedimento

1. Solicite aos participantes que escrevam em uma folha de papel uma lista de atos de violência ou imagens violentas que observaram à sua volta, durante a última semana. Sugira que pensem na escola, em sua casa, na rua, na sua região, na televisão, revistas, jornais e nos demais lugares que freqüentam. Peça que escrevam algumas poucas palavras, sentimentos ou pensamentos que tenham sobre a violência.
2. Divida os participantes em grupos de 4 ou 5 pessoas. Peça que apresentem o que escreveram uns aos outros e discutam sobre os pontos levantados. Cada grupo deve eleger alguém para relatar as conclusões do grupo.
3. Quando terminarem, peça que voltem para o grupo maior para que os relatores façam a apresentação das conclusões.

Pontos para discussão

- Quais são os tipos de violência mais comuns que vemos em nosso cotidiano?
- Quais as imagens de violência que mais vemos nos jornais e na televisão? Por que esses meios de comunicação apresentam tantas imagens de violência?
- Quais são os locais em que mais vemos ou observamos cenas de violência?
- As pessoas violentas geralmente são homens ou mulheres? Jovens ou adultos? E as vítimas?
- Quais são os nossos sentimentos ao observar esta violência?
- O que cada um de nós pode fazer para diminuir a violência?

Encerramento

- Informe que é possível fazer também a prevenção da violência, mas que para isso é necessário reconhecê-la e combatê-la nas pequenas coisas do cotidiano, pois estas formas de violência nos passam despercebidas muitas vezes.
- Esclareça que existem órgãos de defesa dos direitos humanos e que, no caso das crianças e dos adolescentes, existe o Estatuto da Criança e do Adolescente.
- Explore também a questão da violência contra a criança, que ainda é muito alta em nosso país e as formas possíveis de prevenção.





TÉCNICA 14:

Minhas bases de apoio²⁵

Ficha: Este exercício oferece a possibilidade de se refletir sobre como estão formadas as redes pessoas em diferentes aspectos e momentos da vida.

Objetivo: Contribuir para que os participantes possam visualizar as suas relações mais significativas e a refletir as formas de ampliá-las e fortalecê-las.

Materiais: Folha de apoio 5 para todos, lápis e canetas coloridas.

Tempo: 60 minutos.

Procedimento

1. Distribua a folha com o diagrama para cada participante desenhar suas bases de apoio.
2. Peça a cada um que preencha o diagrama individualmente. O nome de quem preenche o esquema deverá ser colocado no centro do quadro e as pessoas/instituição, de acordo com o grau de proximidade, deverão ser colocadas mais próximo ou mais distante do “EU”.
3. Peça que compartilhem suas *bases de apoio* em pares. O par deverá ser formado por pessoas que se conhecem pouco.

Perguntas para o debate

- O que descobrimos e aprendemos neste exercício?
- Com quem podemos contar na criação dos filhos?
- Quando temos algum problema, costumamos pedir ajuda a essas pessoas ou instituições? A quem?
- Por que muitas vezes, mesmo necessitando conversar com alguém ou pedir um conselho, deixamos de fazê-lo? O que nos impede?
- Como podemos fortalecer as relações com nossas bases de apoio?

Encerramento

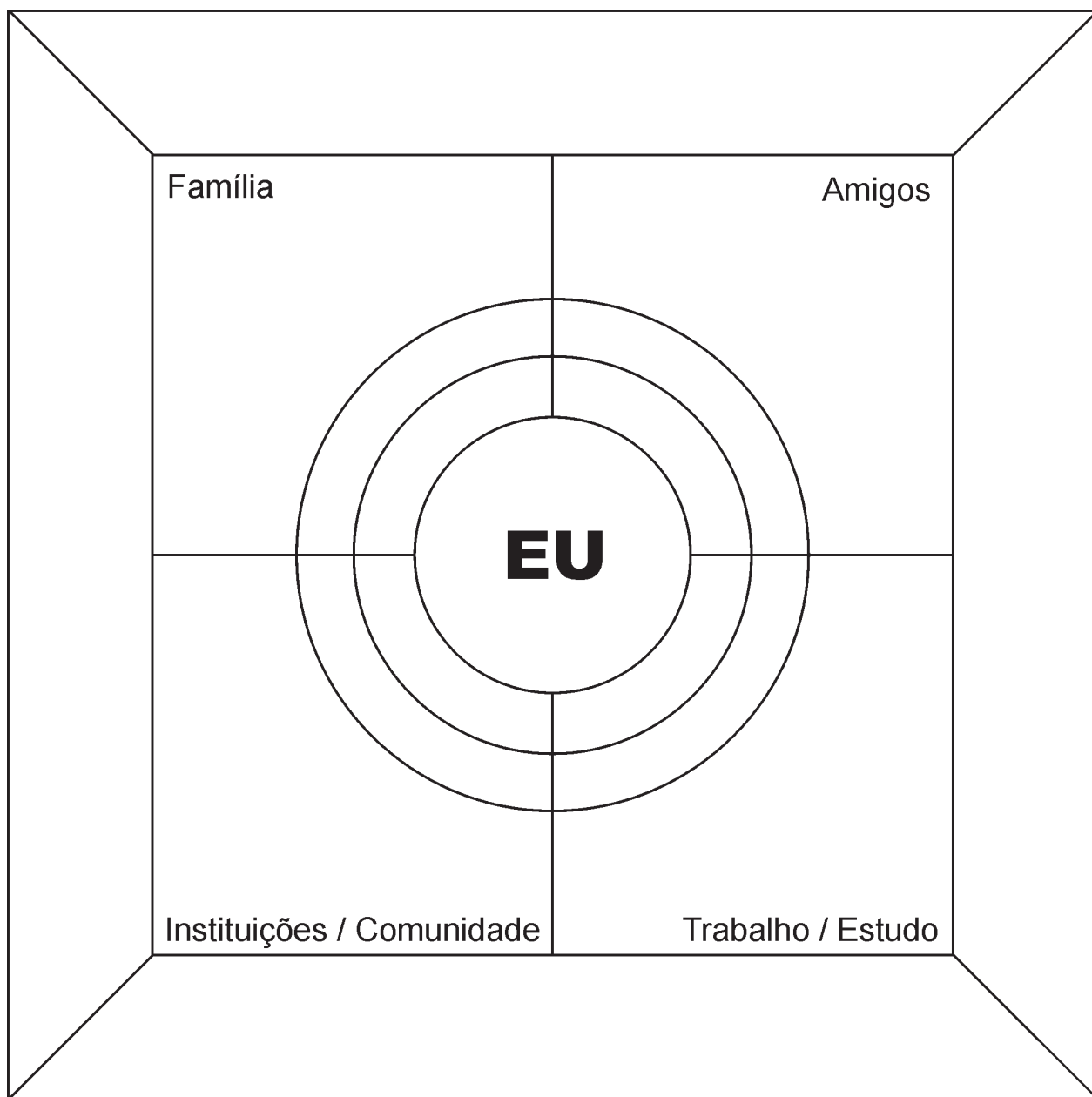
- Segundo Rizzini, Barker & Cassaniga²⁶, **bases de apoio** são “os elementos fundamentais que compõem os alicerces do desenvolvimento integral da infância. São recursos familiares e comunitários que oferecem segurança física, emocional e afetiva a crianças e jovens”.
- Esses recursos podem ser tanto **formais** como **informais**. Os formais são aqueles que se referem a apoios, tais como creches; iniciativas complementares ao período da escola, como aulas de reforço escolar e atividades de recreação para crianças e adolescentes, como esporte, cultura, música, teatro, lazer etc. Os apoios informais são aqueles que passam pela família, incluindo aqui a família estendida pela rede de parentes e amigos etc.
- As bases de apoio servem como fontes de recursos, de solidariedade e de ajuda mútua. Elas dão a oportunidade de compartilhar o que sentimos, pensamos e queremos de uma maneira positiva, possibilitando o aprendizado da escuta e da negociação.

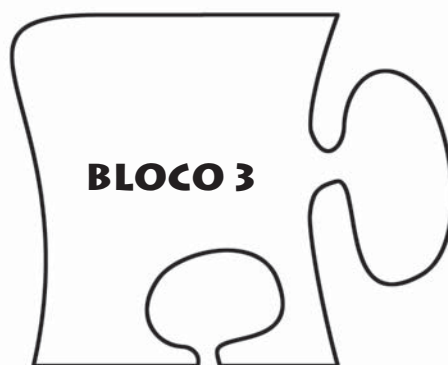
25 - Adaptado do Caderno Razões e Emoções. São Paulo: Instituto PROMUNDO (coord.), 2002.

26 - Para conhecer mais sobre o tema Bases de Apoio, entre nos sites www.promundo.org.br ou www.basesdeapoio.org.br e faça o download das publicações Fortalecendo as Bases de Apoio Familiares e Comunitárias e Criança não é Risco, é Oportunidade.



Folha de Apoio 5





FORMANDO UMA REDE COMUNITÁRIA

**TÉCNICA 15:****A comunidade que eu tenho e a comunidade que eu quero**

Ficha: Por meio desta técnica, é possível identificar as alternativas que existem na própria comunidade para as crianças e suas famílias e refletir sobre como seria possível fortalecê-las.

Objetivo: Conscientizar os participantes sobre as condições da comunidade em que vive, reconhecendo o que tem de positivo para as crianças e identificando o que precisa ser melhorado/criado

Materiais: Revistas, tesoura, cola, fita adesiva, papel, canetas coloridas etc.

Tempo: 90 minutos.

Procedimento

1. Divida os participantes em grupos de cinco pessoas.
2. Distribua o material para cada grupo e solicite que, pensando na situação em que vivem as crianças em sua localidade, construam duas colagens: a primeira, retratando como percebem a violência contra as crianças em sua comunidade; a outra, como gostariam que a comunidade se comportasse em relação a esse problema.
3. Peça que cada grupo, ao terminar, apresente o seu trabalho, prendendo as colagens na parede, deixando entre elas um espaço que represente, na opinião do grupo, a distância entre a realidade que se tem e a que se deseja.
4. Peça que os grupos se reúnam novamente, após as apresentações, e discutam que problemáticas relacionadas à violência contra a criança na comunidade precisam ser resolvidas para que a distância entre a realidade e o desejado desapareça.
5. Solicite a cada grupo que construa, com o material que dispõe, uma ponte entre as duas colagens, representando as questões que precisam ser trabalhadas.
6. Peça que coloquem a ponte nas suas colagens e apresente aos outros grupos, compartilhando as conclusões sobre a questão.

Pontos para discussão

- Em relação às famílias, o que já existe de positivo na comunidade?
- Como vocês poderiam contribuir para fortalecer o que já tem de bom na comunidade?
- Que dificuldades as famílias enfrentam?
- Que alternativas vocês teriam para resolver alguns problemas da comunidade em relação às famílias, crianças e adolescentes?
- Como vocês poderiam contribuir para resolver estes problemas?
- Como envolver a comunidade nesta causa?
- Como garantir que os órgãos municipais melhorem o atendimento às crianças que são vítimas da violência?



- Como trabalhar junto com os Conselhos Tutelares?

Encerramento²⁷

- Um projeto surge a partir da observação da realidade (diagnóstico) e do desejo de transformá-la.
- O diagnóstico pode ser realizado a partir da simples observação de um fato, de uma conversa, de visitas às famílias, de levantamento de dados, ou através de técnicas mais sofisticadas, como uma pesquisa cientificamente estruturada.
- Através da análise e da reflexão dos dados coletados a partir do diagnóstico, será possível conhecer melhor o problema e o contexto no qual o trabalho será desenvolvido. Geralmente, vários problemas surgem a partir dessa análise. Porém, para que o objetivo do trabalho seja atingido, é preciso priorizar uma das questões levantadas, de preferência à que está ao alcance de nossa intervenção.
- Outro ponto importante para a execução do trabalho é localizar possíveis parceiros como associação de moradores, escolas, clubes etc. Assim, o projeto poderá se fortalecer, contribuindo, inclusive, para que a comunidade se torne um lugar mais protegido e seguro para suas crianças.

27 - Adaptado da publicação *Aprendendo a Ser e a Conviver*. Fundação Odebrecht.



TÉCNICA 16:

Um projeto em comum²⁸

Ficha: Com esta atividade, espera-se envolver o grupo na elaboração de um projeto de prevenção da violência contra a criança com sua posterior implantação.

Objetivo: Estimular a criatividade, a capacidade de organização e planejamento dos participantes para o desenvolvimento de um projeto para a diminuição da violência contra a criança nas famílias e na comunidade.

Materiais: Tiras de papel com valores diferentes (totalizando cem mil reais), barbante, papel, caneta, cópia do roteiro para todos e prendedores de roupa.

Tempo: 3 horas.

Procedimento

1. Informe que a proposta desse encontro é fazer um projeto visando prevenir a violência contra as crianças em sua comunidade e a garantia de seus direitos.
2. Peça que formem grupos de seis pessoas e que façam uma lista de todas as atividades que poderiam ser realizadas na comunidade para, no mínimo, diminuir o número de casos de violência contra as crianças e para garantir que seus direitos sejam respeitados, por exemplo: campanhas, atividades de lazer para chamar a atenção para o tema, eventos, projeção de filmes etc.
3. Peça que, ao terminarem, escrevam cada uma das possibilidades em uma folha de papel em forma de palavras-chave e com letra grande.
4. Faça vários varais na sala e coloque as propostas nos varais correspondentes às áreas de saúde, educação, lazer, religiosidade etc. Peça que os participantes prendam com os prendedores de roupa suas propostas no varal.
5. Distribua para os participantes “vales-projeto” no valor de R\$100.000,00. Peça que leiam todas as propostas e que depositem o “dinheiro” naquelas que acharem mais viáveis de implantar.
6. Conte o valor que cada uma das propostas receberam, peça que voltem para os grupos e que, a partir das propostas consideradas mais viáveis, elaborem um projeto utilizando o seguinte modelo:

Justificativa (Por que é necessário esse projeto na comunidade?)

Objetivos (Onde se pretende chegar com o projeto?)

Recursos Humanos (Com quem contamos? Quem vai fazer o quê?)

Audiência (Quem vai se beneficiar com esse projeto?)

Duração (Quanto tempo será necessário para desenvolver o projeto?)

Local (Aonde vai ser realizado?)

Recursos Materiais (O que será necessário para realizar o projeto? Como poderão ser obtidos esses recursos?)

Cronograma (O que vai ser feito em cada mês para atingir os objetivos?)

28 - Técnica adaptada do projeto Paddington Development Trust, UK.



Avaliação (Como o projeto será avaliado para se constatar se ele deu certo ou não?)

Bibliografia (O que é preciso ler ou assistir para dar subsídios para a realização do projeto?)

Parcerias (Onde buscar apoio técnico e/ou financeiro?)

7. Quando todos terminarem sua apresentação, faça uma votação para a escolha do projeto vencedor a partir dos seguintes critérios:

Específico (Ser adequado para a realidade do local);

Mensurável (Prevê subsídios para avaliação);

Apropriado (Responde a, pelo menos, uma necessidade das famílias, crianças e adolescentes);

Relevante (Seja importante para o desenvolvimento das crianças e adolescentes no que se refere à prevenção da violência intrafamiliar e à garantia do respeito aos direitos das crianças e adolescentes);

Temporalidade (Possibilite que as ações previstas possam ser executados dentro de um período de tempo determinado).

8. Caso nenhum dos projetos obedeça a esses critérios, em grupo, escolha o que mais viável e o elabore novamente até atingir o formato adequado para que alguma organização possa apoiá-lo.

Pontos para Discussão

- Como foi para você fazer esse projeto?
- Em que outras situações de sua vida pessoal e familiar você planeja suas ações?
- Como podemos saber se um projeto está atingindo seus objetivos?
- Como podemos avaliar um projeto sobre prevenção à violência física, psicológica e sexual contra crianças?
- O que compete aos organizadores da proposta?
- O que seria atribuição da comunidade (redes de apoio) para se chegar aos resultados esperados?
- O que seria de responsabilidade do município?
- O que fazer para não executar o trabalho que competiria aos órgãos públicos? Como fazer para que eles executem o que é responsabilidade deles?

Encerramento²⁹

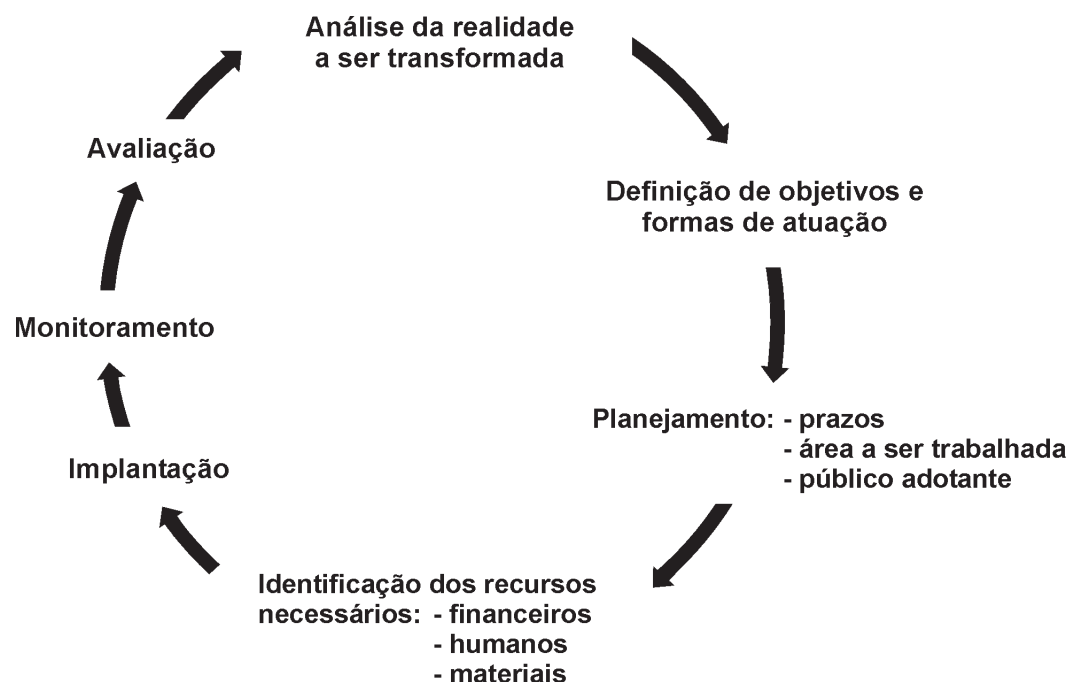
- Um projeto deve ter uma estrutura lógica (que traça o percurso de todo o trabalho) e um destino final, que prevê os objetivos e a finalidade da proposta apresentada.
- Todo projeto social tem como objetivo básico melhorar uma determinada situação social. É por isso que partimos sempre de uma análise da situação atual, para verificarmos o que deve ser melhorado.

²⁹ - Adaptado do texto A trajetória de um projeto. Curso de Elaboração e Gerenciamento de Projetos – Partners Brasil, 1997.





- Na maioria das vezes é impossível trabalharmos com todas as questões que surgem no diagnóstico. Assim, é fundamental fixarmos objetivos realistas para o nosso projeto. É preciso também escolher a melhor forma de atuação. Assim se torna mais viável atingirmos a finalidade do trabalho proposto, que deve ser a transformação social, prevendo melhorias estruturais para a nossa comunidade.
- Estabelecidos todos esses elementos, podemos então elaborar o planejamento de nosso projeto. Esse documento deverá indicar também os prazos a serem obedecidos, a área a ser trabalhada, o público a que se destina o projeto e as dificuldades que poderão ser encontradas.
- A indicação dos recursos necessários – financeiros, humanos e materiais – é de fundamental importância para garantir a execução do projeto.
- A execução da proposta implicará em uma série de providências e atividades que serão fundamentais para gerar os produtos que auxiliarão o trabalho, como por exemplo: cartilhas, folhetos, cartazes etc.
- Um acompanhamento cuidadoso de todas as atividades do projeto deve ser previsto logo de início por meio de um monitoramento. Caso contrário, será necessário retificá-las durante a execução do projeto.
- Os resultados alcançados devem corresponder aos objetivos que foram fixados inicialmente. E os efeitos – diretos e indiretos, do médio e longo prazo – sobre a comunidade contemplada, devem corresponder à finalidade que tenha sido estabelecida para o projeto. Se isso acontecer, o projeto terá sido bem sucedido.
- Para termos certeza de que o projeto atingiu seus objetivos e cumpriu sua finalidade, teremos de verificar o que mudou na comunidade após a implantação do projeto e estabelecer uma comparação com as condições anteriores. Esse processo é chamado de **avaliação**. Ao verificarmos se o projeto atingiu seus objetivos, estaremos fazendo uma **avaliação de resultados**. Ao verificarmos se sua finalidade foi cumprida, estaremos construindo uma **avaliação de impacto**.
- Portanto, a avaliação serve para comprovar se atingimos os objetivos e a finalidade de nosso projeto, justificando assim os recursos que foram gastos. Mas ela oferece também recomendações para o planejamento de projetos futuros, através de um roteiro elaborado a partir de nossa experiência.





TÉCNICA 17:

Trabalhando em rede

Ficha: Esta atividade enfatiza a necessidade de se formar redes que contribuam para a construção de saberes, experiências e mudanças sociais.

Objetivo: Propiciar uma reflexão sobre a importância de se unir a outros projetos, instituições e pessoas com o objetivo de fortalecer a comunidade na busca pelos seus direitos.

Materiais: rolo de barbante.

Tempo: 60 minutos.

Procedimento

1. Peça que os participantes formem um círculo, sentados no chão.
2. Segure o rolo de barbante e explique que vai jogar o rolo de barbante para um participante.
3. Explique que a pessoa que receber o rolo deverá amarrar o fio no dedo indicador, de modo a manter o fio esticado. Depois disso, deverá escolher uma outra pessoa, dizer o nome dela e atirar o rolo. Essa pessoa deverá amarrar o fio em seu dedo e proceder do mesmo modo como todos, sucessivamente, formando uma espécie de teia.
4. Solicite que o grupo levante o dedo em que o fio está preso de modo que todos visualizem a teia que foi construída.
5. Peça que, com cuidado, todos se levantem, retirem o laço do dedo e depositem a teia no chão sem que ela perca a forma.
6. Peça que voltem a se sentar e discuta como foi fazer esse exercício e o que ele significa.

Pontos para discussão

- O que é uma rede?
- Na sua comunidade existe algum tipo de rede organizada? É importante? Por quê? Como funciona?
- Você gostaria de criar ou participar de uma rede que tivesse como objetivo, por exemplo, lutar pelos direitos das crianças e adolescentes? Por quê?
- Você acredita que criando uma rede ou fazendo parte de uma seria possível melhorar as condições das crianças e suas famílias na sua comunidade? Por quê? Como?

Encerramento³⁰

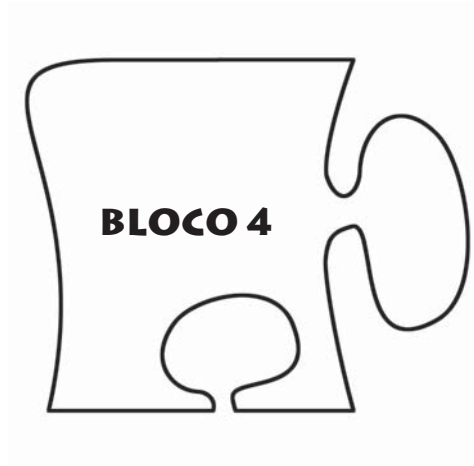
- Chama-se **rede** um sistema de organização de pessoas e/ou instituições que se reúnem em torno de um objetivo ou tema comum.

30 - www.rits.org.br, setembro 2002.





- Uma rede social deve ter como princípio uma postura democrática e participativa, de modo que as pessoas colaborem entre si sem competir por liderança ou por poder. As redes se sustentam pela vontade e afinidade de seus integrantes, caracterizando-se como um significativo recurso para a organização comunitária, tanto em termos das relações pessoais quanto para a transformação social.
- Estar em rede significa realizar conjuntamente ações concretas. Essa estratégia ajuda as instituições/comunidades a chegarem mais rapidamente a seus objetivos.



AVALIANDO



Pós-teste

Objetivo: Levantar os conhecimentos que os participantes têm sobre os temas do desenvolvimento infantil, violência contra a criança e intrafamiliar e direitos das crianças e dos adolescentes depois da capacitação.

Materiais: Questionários de pós-teste (anexo 1).

Tempo: 5 minutos por pessoa.

Procedimento

1. Quando a capacitação estiver encerrada, explique que cada pessoa vai ser entrevistada novamente para responder a perguntas sobre os temas que fizeram parte da discussão.
2. Não é necessário repetir as perguntas pessoais e a parte um do questionário (Características do entrevistado), bastando somente colocar o nome da pessoa que está sendo entrevistada para uma posterior análise das mudanças que ocorreram em suas respostas antes e depois da capacitação.
3. Quando todos os questionários tiverem sido aplicados, avalie oralmente a capacitação a partir das seguintes perguntas:
 - O que você mais gostou nesta capacitação?
 - O que você gostou menos?
 - Você falou com alguém sobre os temas que foram discutidos na capacitação? O que? Com quem?
 - A partir das questões que foram discutidas nestes encontros, você percebeu se isso mudou alguma coisa sua relação com seus filhos e seu/sua companheiro/a? O que?
4. Encerre a capacitação agradecendo a presença de todos e compartilhando, com os participantes, suas percepções sobre os encontros.

MÓDULO 3

ONDE BUSCAR OUTRAS INFORMAÇÕES





TEXTOS E LIVROS

Criança não é risco, é oportunidade - Fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: EDUSU, Jacobs Foundation, Promundo, 2000. *Rizzini, Irene, Barker, Gary, Cassaniga, Neide.*

A proposta essencial deste texto é a de definir e exemplificar o que são as bases de apoio, promovendo um debate sobre a importância de se desviar o foco de uma concepção de ação baseada em situações de risco para englobar as necessidades de todas as crianças e adolescentes.

Desenhos de família. Criando os filhos: a família goianense e os elos parentais. *Sônia M. Gomes e Irene Rizzini (Coords)*

Este livro é a primeira publicação da pesquisa “Criando os filhos: a família goianense e os elos parentais” (Cepaj/UCG e CESPI/USU), cuja maior preocupação é a compreensão dos novos desenhos de família e dos diferentes processos de significação presentes na família goianense que se concretizam nas novas formas de relação e elos familiares.

Guia de instituições que produzem conhecimento sobre a infância e adolescência no Brasil.

Irma Rizzini e Fernanda Rosa B. de Holanda

Trata-se de guia com endereços e contatos das instituições que produzem conhecimento sobre a infância no Brasil.

Pesquisa em ação. Crianças, adolescentes, famílias e comunidades. *Irene Rizzini (org)*

Este livro consiste em uma coletânea de idéias de autores nacionais e estrangeiros, debatidas por ocasião do seminário Internacional *Estudando e fortalecendo apoio comunitários para famílias, crianças e jovens: perspectivas nacionais e internacionais*, realizado no Rio de Janeiro em setembro de 2001.

Vozes e Experiências dos educadores de uma favela. Pesquisa e atuação em parceria entre universidade, Ong, comunidade e empresa. Rio de Janeiro: CESPI/USU/PROMUNDO. *Maria Helena Zamora e Nivia Carla Ricardo da Silva (Orgs)*

Este é o registro da experiência desenvolvida na comunidade Santa Marta envolvendo os educadores e bases de apoio do local, que foram convidados a escrever o livro.

Contato: **CIESPI** – Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância
Caixa Postal: 380002
22.451-970 – Rio de Janeiro - RJ
Tel: +55 21 9432-3327
e-mail: ciespi@ciespi.org.br
site: www.basesdeapoio.org.br / www.ciespi.org.br

Esfria a cabeça, rapaz

Uma cartilha, em formato de fotonovela, para jovens sobre violência doméstica. Foi desenvolvida pelos promotores juvenis do projeto “De Jovem Para Jovem”.



Estudo de Caso: “Projeto de Jovem para Jovem”: Engajando Homens Jovens na prevenção de violência e na saúde sexual e reprodutiva

Este “estudo de caso” apresenta a experiência do Instituto PROMUNDO no engajamento de homens jovens na prevenção de violência de gênero e na promoção da saúde sexual e reprodutiva como agentes de mudança.

Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva: um estudo sobre homens no Rio de Janeiro/Brasil

Pesquisa realizada em uma parceria do Instituto PROMUNDO e do Instituto NOOS onde são apresentados os resultados de um estudo qualitativo e quantitativo em violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva, com homens da faixa etária entre 15 e 60 anos, em dois bairros da cidade do Rio de Janeiro – Bangu e Botafogo -, envolvendo três comunidade: duas de baixa renda e uma de classe média.

Contato: **Instituto PROMUNDO**

Rua México 31 – sala 1502
20031-144 – Rio de Janeiro, RJ
Tel/Fax: 21 2544 3114/3115
e-mail: promundo@promundo.org.br
site: www.promundo.org.br

MANUAIS

Programa Infância Desfavorecida no Meio Urbano

Conjunto composto por um vídeo, sete publicações e um cartaz, que pretende divulgar as ações e metodologias que orientam este programa. Contribui para a discussão e a formulação de projetos sociais, bem como das políticas que permitam seu aprimoramento, continuidade e replicação.

Contato: **Delegação da Comissão Européia no Brasil**

SHIS, QI 07, Parte A, Lago Sul
71615 570 – Brasília, DF
Tel: 61 248 3122
Fax: 61 248 0700
e-mail: eudelbra@mymail.com.br

Trabalhando com Homens Jovens

Série de 5 manuais realizado em uma parceria do Instituto PROMUNDO/ECOS/PAPAI/ Salud y Género destinados a educadores e agentes de saúde, que trabalham com homens jovens (15-24) abordando os seguintes temas:

- *Da Violência para a Convivência*
- *Sexualidade e Saúde Reprodutiva*
- *Paternidade e Cuidado*
- *Razões e Emoções*
- *Prevenindo e Vivendo com HIV/AIDS*

Contato: **Instituto PROMUNDO**

Rua México 31 – sala 1502
20031-144 – Rio de Janeiro, RJ
Tel/Fax: 21 2544 3114/3115
e-mail: promundo@promundo.org.br
site: www.promundo.org.br



VÍDEOS

Artigo 2º - ECOS

Este vídeo apresenta uma série de episódios de violência do cotidiano vistos pela ótica de dois jovens. Chama a atenção para formas de violência que muitas vezes passam despercebidas, mas que estão presentes no dia-a-dia de todas as pessoas.

Família dá Samba

Enfoca os diferentes arranjos familiares existentes possibilitando a discussão sobre os preconceitos que ainda existem em relação as famílias que não seguem o modelo considerado “ideal”.

Contato: **ECOS – Comunicação em Sexualidade**
Rua Araújo, 124 – 2º andar
01.220-020 - Vila Buarque – São Paulo, SP
Tel/Fax: 11 3255-1238
e-mail: ecos@ecos.org.br
site: www.ecos.org.br

Minha Vida de João

Apresenta a história de um garoto e a construção de sua masculinidade da infância até a juventude. Focaliza os diferentes aspectos que um homem jovem tem que enfrentar para tornar-se homem em nossa sociedade. Elaborado em forma de um desenho animado sem falas, é recomendado para facilitadores que buscam ampliar a discussão sobre gêneros, uma vez que trata desta questão do ponto de vista masculino.

Não é fácil, não!

Conta a história de Pedro, um trabalhador, que sem um emprego formal passa a ganhar menos que sua mulher, Kelly, e com isso se sente humilhado e inconformado. Um dia, por causa do stress e dos conflitos constantes, Pedro quase usa de violência física contra ela. Neste momento, ele tem a visão de um menino que o leva a repensar sua vida e a maneira como aprendeu a ser homem.

A partir deste vídeo, é possível aprofundar a discussão sobre a forma como os homens são socializados, desmistificar a idéia de que a violência dos homens contra mulheres está ligada ao desemprego e ao consumo de álcool e, principalmente, buscar alternativas não violentas para a resolução de conflitos.

Contato: **Instituto PROMUNDO**
Rua México 31 – sala 1502
20.031-144 – Rio de Janeiro, RJ
Tel/Fax: 21 2544-3114 / 3115
e-mail: promundo@promundo.org.br
site: www.promundo.org.br

Sonhos Paralelos, Mundos Diferentes

Vídeo que percorre três localidades da cidade do Rio de Janeiro – favela de Santa Marta, Vila Aliança/Bangu e Condomínio Morada do Sol/Botafogo -, tentando identificar quais são as bases de apoio às famílias na criação de seus filhos, buscando dar visibilidade às diferentes formas de suporte que colaboram com estas famílias e ouvindo os jovens sobre como se relacionam, vivem e se divertem em seus locais de moradia e quais são seus sonhos para o futuro.

Contato: **CIESPI – Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância**
Caixa Postal: 380002



22.451-970 – Rio de Janeiro - RJ
Tel: +55 21 9432- 3327
e-mail: ciespi@ciespi.org.br
site: www.basesdeapoio.org.br / www.ciespi.org.br

Estatuto do Futuro

Partindo do princípio que o Estatuto da Criança e do Adolescente é ainda desconhecido pela maioria da população e, muitas vezes, mal-interpretado por muitas das pessoas que trabalham na área da infância e juventude, este conjunto de quatro materiais, realizado pelo Centro de Criação de Imagem Popular – CECIP - em parceria com a União Européia e Artmed Editora, visa informar e mobilizar públicos amplos e distintos:

Público geral – O vídeo Estatuto do Futuro (38 min.) é apresentado pela atriz Zezé Polessa, abordando os cinco direitos fundamentais da criança e do adolescente por meio de experiências bem-sucedidas em sua defesa.

Técnicos – O vídeo Construindo o Futuro (12 min.) sensibiliza técnicos que lidam com a área: professores, agentes de saúde, líderes comunitários, conselheiros tutelares e revela os caminhos da articulação entre os agentes. A publicação Construindo o Futuro (44 p. il.) discute, de forma simples e interativa, os direitos do ECA, os caminhos da reparação de violações, o ato infracional, as instâncias de ação. Traz ainda sugestões para o uso de todos os materiais do kit.

Adolescentes – O vídeo Se Liga no Estatuto (18 min.) é uma ficção na qual um grupo de adolescentes resolve fazer um vídeo sobre seus direitos, realizando entrevistas e solucionando seus próprios problemas. Na cartilha Respeito é bom e eu gosto! (32 p. il.), o adolescente encontra um guia prático sobre seus direitos: atividades, músicas, testes e histórias informam e debatem temas relacionados à vida do adolescente.

Crianças – Um vídeo e uma cartilha trazem, para o universo infantil, informações importantes. Na cartilha SuperECA em Ação (16 p. il.), por meio de quadrinhos, músicas e brincadeiras, as crianças discutem dignidade, respeito, igualdade, direitos. No vídeo O Direito e o Torto (10 min.) são abordados noções fundamentais sobre os direitos, em ficção com crianças, na escola, em casa e trabalhando.

Contato: Largo de São Francisco de Paula, 34/4º andar
20.051-070 - Rio de Janeiro/RJ
Tel: 21 - 2232-6723 e 2509-3812 - Fax: 21 2252-8604
e-mail cecip.org@uol.com.br

LIVROS INFANTIS

Tchau – Lygia Bojunga

São quatro contos sobre as relações humanas, separações e diferenças sociais. Nesses contos a autora transita do realismo ao fantástico.

Editora, Agir, 1995.

A caminho de casa - Libby, Hathorn.

Enquanto escrevia este livro a autora conversou com crianças que trabalhavam nas ruas e que não tinham casa, a intenção era a de compreender melhor essa situação e contribuir para mudá-la.

Editora Martins Fontes, 1996.

Criança é coisa séria. Roseana Murray

Este livro é dedicado aos milhões de crianças que em nosso país, já ao nascer, tem a sua infância negada.

Ed. AMAIS, Memórias Futuras, 1991.

Os três astronautas - Umberto Eco.

O livro fala das diferenças humanas e os preconceitos que advêm dessas diferenças são abordados de forma peculiar.

Ed. Ática, 1991.

Os gnomos de Gnu - Umberto Eco.

É um livro sobre o autoritarismo daqueles que detêm o poder e se utilizam da força para dominar os mais fracos. O autor fala da possibilidade da inversão desse papel.

Ed. Ática, 1992.

Os Direitos das Crianças – Ruth Rocha

Em forma de poema, a autora chama a atenção para o fato de que a infância é um tempo muito curto, mas que é o período em que se constrói o direito à felicidade.

Companhia das Letrinhas, 2002.

Declaração Universal dos Direitos Humanos – Ruth Rocha e Otavio Roth.

Fala sobre o documento votado nas Nações Unidas, que mostra os direitos essenciais para uma vida melhor para todos. Os autores construíram um trabalho muito bonito.

Quando mamãe virou um monstro – Joanna Harrison

O livro, com muito humor, mostra para as crianças o quanto o seu comportamento inadequado pode transtornar os adultos e fazê-los se zangar e perder a paciência. Os filhos podem fazer sua parte e manter a casa arrumada, por exemplo, mostrando uma atitude de cooperação com os pais.

Ed. Brinque-Book, 1998.

A Fábula da Convivência – Salmo Dansa e Letícia Dansa

Numa era glacial, um frio terrível envolveu parte da Terra, há milhões de anos. Surgiu, então, uma manada de porco-espinho, que se uniu, para não congelar. Eles se aproximaram, mas os corpos sangravam por causa dos espinhos. Então eles se afastaram e morreram. Os que sobreviveram aprenderam uma lição: respeitar os limites e manter pouca distância, o suficiente para manter o próprio corpo mais quente. Trabalha-se aqui o respeito pela individualidade, pela paz e pela intimidade.

Mamãe, você me ama? – Barbara M. Joosse

Essa é uma história sobre uma criança esquimó (inuit) testando os limites de sua independência e sobre uma mãe que pacientemente prova que o amor materno é incondicional. Com um cenário diferente, no Ártico, cheio de animais exóticos como baleias, focas, lobos e papagaios-do-mar, o texto cheio de lirismo também mostra o amor materno em uma cultura diferente.

Ed. Brinque-Book, 1998

Todo Mundo Tem... (Família, Medo, Casa, Amigo) – Anna Cláudia Ramos

Os quatro livros da série mostram as diferenças entre pessoas e culturas, com jeitos diferentes de ser, de sentir, de viver. A idéia destes livros é mostrar a diversidade sem fazer nenhum juízo de valor, sempre levando o leitor a debater os temas propostos e pensando em como é sua família, sua casa, quais são seus medos e quem são seus amigos.



VÍDEOS INFANTIS

A história de Marina - Marina trabalha como catadora de latas para ajudar a família. Tímida, ela brinca sozinha, fazendo teatro de bonecos no seu quintal. Um dia, as crianças da rua quebram com uma bola o jarro de um vizinho de Marina. Ele guarda a bola até que as crianças paguem pelo prejuízo. Após várias peripécias, Marina ajuda as crianças a recuperar a bola. Este incidente vai mudar relações, criando uma nova forma de convivência.

Falas e sonhos de crianças - Entrevistas com crianças de diferentes bairros de Nova Iguaçu. Elas falam de sua vida, seus sonhos, desejos, e desenham o seu bairro ideal. É dividido em 5 episódios: **Crianças de Queimados**; **Crianças do bairro Aliança**; **Criança sabe das coisas** (Rancho Fundo); **Crianças de Austin** e **Desejos animados** (Shangri-lá), em que os desenhos das crianças são posteriormente animados com computação gráfica.

Coisas de crianças - Ficção sobre duas meninas que brigam por causa de brinquedos, até que uma delas resolve fazer seu próprio brinquedo e convida a outra para fazer também. Realizado com bonecos.

Sonhos de uma menina - História de uma menina que quer entrar para o circo. Para isso ela tem que passar por várias provas. Realizado com bonecos.

WEBSITES

www.andi.com.br

Site da Agência de Notícias sobre os Direitos da Infância – ANDI – uma organização ligada à infância e adolescência, que traz textos informativos, clippings diários e imagens de jornais e revistas ligadas a defesa dos direitos das crianças e adolescentes.

www.basesdeapoio.org.br

Site do projeto *Fortalecendo as Bases de Apoio para Famílias e Comunidades*, desenvolvido pelo CIESPI e Instituto PROMUNDO, com as propostas, atividades, objetivos e informações importantes.

www.bebe2000.com.br

No site Bebê 2000, pais, mães, avôs, avós, tias, tios vão encontrar importantes informações que tratam desde o planejamento da gestação até a primeira infância, com assuntos pertinentes aos pais e ao universo infantil – psicologia, saúde, educação, alimentação, direito.

www.ciespi.org.br

Site do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância - CIESPI, com detalhes sobre os projetos, bases de dados bibliográficos, publicações do Centro e pesquisadores.

www.e-familynet.com

Site voltado para as pessoas que estão planejando uma família ou estão iniciando a experiência da maternidade e paternidade. Contém informações sobre gestação, parto, amamentação e saúde do bebê, entre outras.

www.scslat.org

Site da organização Save the Children que, na sessão de publicações, são encontradas várias publicações sobre os Direitos das Crianças na América Latina.

**www.usp.br/ip/laboratorios/lacri**

O site é do Laboratório de Estudos da Criança – LACRI, que tem como objetivo desenvolver estudos e pesquisas sobre a problemática da Infância em geral e, em especial, sobre a Infância em dificuldade no contexto da sociedade brasileira (infância pobre, infância vitimizada, infância infratora etc).

www.promundo.org.br

Site do Instituto PROMUNDO, com informações sobre suas iniciativas - Crianças, Famílias e Desenvolvimento Infanto-Juvenil e Gênero, Juventude e Saúde – além de textos para download.

www.redesaude.org.br

Site da Rede Feminista de Saúde. É uma articulação do movimento de mulheres que reúne entidades - entre grupos de mulheres, organizações não-governamentais, núcleos de pesquisa, organizações sindicais/profissionais e conselhos de direitos da mulher - além de profissionais de saúde e ativistas feministas, que desenvolvem trabalhos políticos e de pesquisa nas áreas da saúde da mulher e direitos sexuais e reprodutivos.

www.sobepi.com.br

Site da Sociedade Brasileira de Estudos e Pesquisa da Infância - SOBEPI, instituição preocupada com a formação de profissionais voltados para a infância, mas que tem como peculiaridade o uso da psicanálise como ferramenta para analisar e pensar novas políticas para a infância.

www.socialtec.org.br

Fórum de debates que utiliza a Internet como veículo para divulgação de conceitos e experiências sobre as tecnologias sociais desenvolvidas por diversas instituições governamentais, empresariais e da sociedade civil. É também um mecanismo de distribuição de informações e de encontro que permite aos empreendedores sociais obter idéias e informações específicas, eletronicamente.

www.unesco.org.br

Site da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura que situa as ações da UNESCO no Brasil e no mundo nos setores da Educação, Cultura, Ciência, Tecnologia, Comunicação, Informática, Meio Ambiente, Direitos Humanos e Gestão Social.

www.unicef.org.br

Site do Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, onde podem ser encontrados informações referentes a sua estrutura, histórico, princípios básicos, projetos apoiados, iniciativas, ações.

CENTROS DE REFERÊNCIA

Centro de Referência da Infância e da Adolescência - Em convênio com a PUC-Rio

Este Centro de Referência pretende disponibilizar informações e dados on-line para apoiar as redes comunitárias, agentes comunitários, pais, professores, adolescentes, organizações governamentais e não-governamentais, além de possibilitar a consulta a materiais diversificados na Biblioteca da PUC-Rio e viabilizar assessoria e orientação nas comunidades, especialmente no que se refere a projetos sociais vinculados aos temas propostos. Os temas abordados pelo projeto são: Desenvolvimento infantil e juvenil, Direitos e políticas na área da infância e juventude, Violência contra crianças e adolescentes, Violência intrafamiliar e Violência institucional.

Dentre seus objetivos, tem-se a produção de materiais impressos a serem distribuídos com base nos resultados do projeto *Fortalecendo as Bases de Apoio Familiares e Comunitárias para Crianças e Adolescentes (Projeto BASES)* projeto realizado pelo Promundo e CIESPI.

No site do projeto Bases e do CIESPI encontra-se uma bibliografia relacionada aos temas desse



projeto, além de informações adicionais e alguns dos textos produzidos pela equipe. As referências bibliográficas foram listadas para orientar o usuário em suas pesquisas, no entanto, não se pretende esgotar a discussão. As bibliografias são constantemente ampliadas e atualizadas. O usuário observará que alguns dos temas contém resumos e indicações de endereços web para consulta.

Contato: **CIESPI** – Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância
Caixa Postal: 380002
22.451-970 – Rio de Janeiro - RJ
Tel: +55 21 9432-3327
e-mail: ciespi@ciespi.org.br
site: www.basesdeapoio.org.br / www.ciespi.org.br

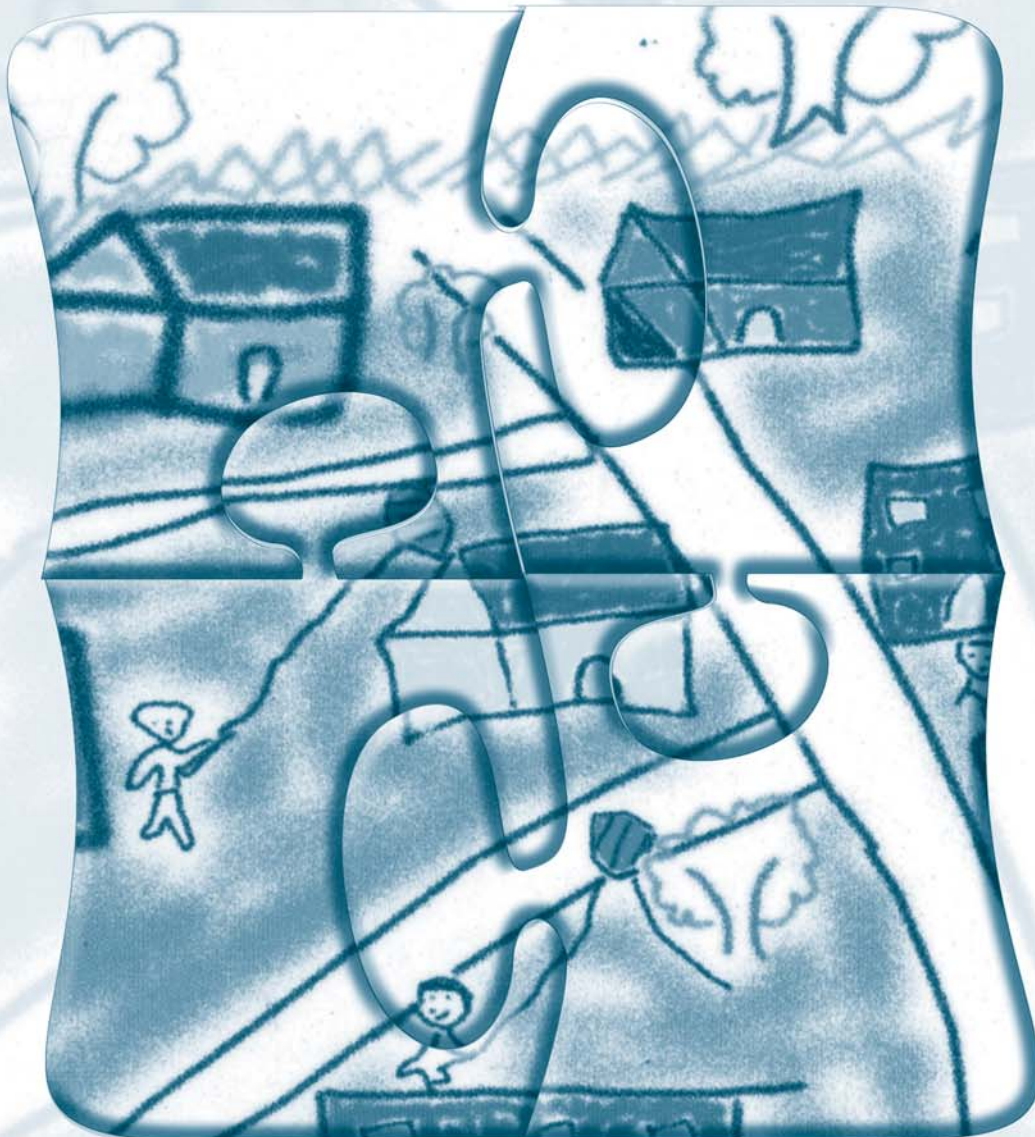


BIBLIOGRAFIA

- ABRAPIA. *Abuso Sexual: Mitos e Realidade*. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2002
- ABRAPIA. *Guia de orientação para professores. Maus-tratos contra crianças e adolescentes; proteção e prevenção*. Rio de Janeiro, Autores & Agentes & Associados, 1992.
- Azevedo, M, Guerra, V. *Palmada Já Era*. São Paulo: M.A.Azevedo: V.N. de A Guerra, 2002.
- Brazelton, T.,Greespan, S. *The Irreducible Needs of Children*. Cambridge: Perseus Publishing, 2000.
- ECOS. *Boletim Transa Legal*. São Paulo: ECOS, 1999.
- Estatuto da Criança e do Adolescente - Criança e Adolescente*. CBIA/Ministério da Ação Social/ FBB.
- Fundação Roberto Marinho. *Sexualidade: Prazer em Conhecer*, Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2001
- Goicoechea, P. *Educa, no Pegues – Guia para madres y padres*. Madri: Save the Children, 2001.
- Goicoechea, P. *Manual de Prevención del Abuso Sexual*. Madri: Save de Children, 2001.
- International Planned Parenthood Federation. *Guia para capacitadores y capacitadoras en Salud Reproductiva*. New York: IPPF. 1998.
- Instituto PROMUNDO. *Caderno Da Violência para a Convivência*. In *Trabalhando com Homens Jovens*. São Paulo: Instituto PROMUNDO (coord.), 2002.
- Ministério da Saúde e Ministério da Justiça. *Direitos Humanos e Violência Intrafamiliar; Violência Intrafamiliar – Orientações para a Prática em Serviço*. Brasília: Governo Federal, 2002.
- Organização Mundial da Saúde. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: OMS, 2002.
- Prefeitura do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Saúde. *Protegendo nossas crianças e adolescentes*. Prefeitura do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Saúde; Rio de Janeiro: s/d.
- SANTOS, Mauro R. S. Políticas sociais: instrumentos para exigibilidade de direitos. In *Políticas Públicas e Gestão Local: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais*. Orgs Orlando Alves dos Santos et al. Rio de Janeiro: Fase, 2003.
- Sartor C.D., Martins A. C. e Silva, N.R. *Seletividade e Focalização versus Universalização: dilemas presentes nas políticas e programas para a infância e juventude*. In *Revista O Social em questão*. Vol. 7 Nº. 7 Ano VI. Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Serviço Social, 2002.
- Serrão, M e Balleiro, M.C., *Aprendendo a Ser e a Conviver*. São Paulo: FTD, 1999.
- UNICEF. *Haz que se cumplan tus derechos*. Madri: Scouts de España, s/d.

MÓDULO 4

ANEXOS





Pré e pós-teste

CUIDAR SEM VIOLÊNCIA, TODO MUNDO PODE!

Este questionário tem por objetivo conhecer o que as pessoas que irão participar do curso de capacitação, pensam a respeito dos temas a serem desenvolvidos nestas oficinas antes delas acontecerem.

Será reaplicado ao final da capacitação e depois de seis meses para que possamos avaliar o nível de apreensão dos conteúdos e as mudanças que ocorreram em suas atitudes.

É importante que os/as participantes respondam a cada uma das perguntas da forma mais honesta possível e que sejam informados que estas respostas são confidenciais

1. Entrevista nº _____
2. Nome do entrevistado: _____
3. Endereço: _____
4. Bairro/Cidade : _____
5. Data da entrevista: _____
6. Nome do entrevistador: _____

Parte 1: Características do entrevistado

1. Qual e seu sexo?

1. Feminino
2. Masculino

2. Quantos anos você tem?

_____ anos completos

- 99 Não respondeu

3. Qual e seu papel no projeto?

- 1 Base jovem
- 2 Base adulta
- 3 Profissional de creche
- 4 Profissional do ensino fundamental
- 5 Profissional de saúde
- 6 Agente comunitário (especifique) _____
- 7 Outro (especifique) _____

4. Você tem filhos/as?

- 1 Sim
- 2 Não (*pule para a 6*)
- 99 Não respondeu



5. Que idade tem os/as seus/suas filhos/as?

- 1 0 a 6
- 2 7 a 12
- 3 13 a 18

6. Qual é o seu grau de instrução?

- 1 Nunca freqüentou a escola
- 2 1º grau incompleto (inclui o antigo primário completo)
- 3 1º grau completo (inclui os que concluíram os antigos primário e ginásio)
- 4 2º grau incompleto
- 5 2º grau completo (inclui os que concluíram os antigos cursos: colegial, técnico, científico, normal e clássico)
- 6 Curso universitário incompleto
- 7 Curso universitário completo
- 99 Não respondeu

Parte 2: Desenvolvimento infanto/juvenil

1. Vou ler algumas frases e gostaria de saber se você acha:

- muito importante;
- mais ou menos importante;
- que não é importante;
- ou se prefere não responder

Cód.	Frase	Muito importante	Mais ou menos	Não é importante	Não respondeu
7	Conversar com um bebê.				
8	Ler ou contar histórias para uma criança mesmo que ela ainda não entenda direito.				
9	Escutar o que as crianças falam.				
10	As crianças participarem de decisões que afetem toda a família.				
11	Ter um horário certo para as crianças irem dormir.				
12	O convívio de uma criança com outras da sua idade em uma creche ou escola.				
13	Responder as perguntas sobre sexo que a criança faz.				
14	Perguntar a criança como foi o seu dia na creche ou na escola.				
15	Abraçar e beijar uma criança				
16	Cantar, ouvir música e brincar com uma criança.				
17	Ter horários certos para ver televisão.				
18	Ir a escola falar com os professores sobre seus filhos e filhas.				
19	Procurar conhecer o que existe na comunidade para as crianças.				



2. Direitos das Crianças e dos Adolescentes

Vou ler algumas afirmações e gostaria que você me respondesse se concorda, discorda ou se não tem opinião a respeito.

Cód.	Frase	Concordo	Discordo	Não tenho opinião formada
20	O Estatuto da Criança e do Adolescente é uma lei que foi criada para proteger crianças e adolescentes.			
21	O Estatuto da Criança e do Adolescente serve para ajudar os pais .			
22	Se uma criança for internada em um hospital, um dos pais ou responsáveis tem o direito de ficar com ela.			
23	É papel do Governo garantir vacinação gratuita para doenças como paralisia infantil, sarampo, etc.			
24	A partir dos 12 anos todo/a adolescente pode trabalhar com carteira assinada.			
25	As atividades de lazer para crianças e adolescentes não estão previstas no Estatuto da Criança e Adolescente.			
26	Toda criança tem o direito de freqüentar uma escola perto de onde mora.			
27	Uma criança de pais casados no papel tem mais direitos que uma nascida fora de um casamento ou adotada.			
28	Uma das tarefas do Conselho Tutelar é de ajudar os pais a resolverem seus problemas com os filhos.			
29	Pais que não podem sustentar seus filhos e filhas tem direito de receber ajuda do Estado.			
30	A família tem a obrigação de registrar a criança logo que ela nasce.			
31	É papel da família levar as crianças para serem vacinadas.			
32	Por lei, no Brasil, é proibido o uso de qualquer tipo de castigo físico contra crianças e adolescentes.			

Parte 3: Limites

Pensando no último mês, quando um de seus filhos menores de 12 anos fez alguma coisa que você achou errada o que foi que você fez?

Entrevistador: Se não tiver filhos/as, pergunte se tivesse o que faria.

Cód.	Atitude	Sim	Não	Não sabe	Não respondeu
33	Fingi que não estava acontecendo nada				
34	Disse que só falaria com ele quando minha raiva passasse.				
35	Perdi o controle				
36	Gritei e xinguei				
37	Como castigo, proibi que ele fizesse alguma coisa que gosta.				
38	Bati				
39	Ouvi o que ele falou e fizemos um trato de nunca mais aquilo acontecer de novo				
40	Ameacei de dar uma surra				
41	Outra atitude Especifique _____				



Parte 4: Busca de Ajuda

No último mês, quando teve algum tipo de problema com seus filhos/as você conversou com...

Cód.	Pessoa e/ou instituição	Sim	Não	Não respondeu
42	um(a) amigo(a)			
43	o(a) companheiro(a)			
44	um(a) parente			
45	um(a) vizinho(a)			
46	o(a) professor(a)			
47	a delegacia de polícia			
48	o Conselho Tutelar			
49	o serviço de saúde			
50	o padre ou pastor			
51	outros (especifique) _____			

Parte 5: Participação Comunitária

Nos últimos três meses, quantas vezes você participou de cada uma dessas atividades?

Cód.	Pergunta	Não	1	2	3	4	5 ou mais	Qual ? Para quem?
52	Participou de reuniões, na sua comunidade, sobre temas relacionados a crianças e jovens?							
53	Deu algum conselho sobre a criação dos filhos ou sobre os direitos das crianças para pais e mães da comunidade?							
54	Deu uma dica para alguém sobre serviços da própria comunidade que poderiam ajudar as crianças e adolescentes de alguma forma?							
55	Participou em alguma campanha voltada para crianças, jovens ou famílias?							





Instituto PROMUNDO

Fundado em 1997, o Instituto PROMUNDO é uma ONG brasileira, com abrangência internacional, que visa melhorar a qualidade de vida de crianças, jovens e suas famílias por meio de pesquisas, intervenções e disseminação de soluções inovadoras para questões vivenciadas por estas populações.

Por meio do trabalho direto com jovens, famílias e membros de comunidades de baixa-renda no Rio de Janeiro, procuramos contribuir para que mudanças sociais ocorram visando alcançar uma equidade entre os gêneros e a discussão de alternativas não violentas para a resolução de conflitos.

Rua México, 31 Bloco D sala 1502
20031 144 Rio de Janeiro RJ Brasil
Tel/Fax: 55 21 2544 3114 / 3115
e-mail: promundo@promundo.org.br
www.promundo.org.br



CIESPI Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Centro de estudos dedicado à pesquisa aplicada, à análise de políticas e projetos de pesquisa e ação relacionados a crianças, adolescentes e suas bases familiares e comunitárias, em especial aqueles em situação de pobreza. O CIESPI tem como meta subsidiar políticas públicas para a melhoria das condições de vida e ampliação das oportunidades de crianças e jovens brasileiros. Desenvolve projetos em diversas áreas interdisciplinares, tais como desenvolvimento de crianças e jovens em contextos de violência; o impacto da mídia e novas tecnologias em adolescentes; a história das políticas de assistência à infância; o impacto da globalização e das transformações políticas e econômicas sobre as crianças, dentre outros. Ao longo dos anos, a equipe do CIESPI vem estabelecendo parcerias nacionais e internacionais que permitam ampla troca de idéias e experiências com profissionais de diversos países.

Caixa Postal: 380002
22 451 970 Rio de Janeiro - RJ
Tel: 55 21 9432 3327
e-mail: ciespi@ciespi.org.br
www.ciespi.org.br

Apoio

